



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA**

ISRAEL DIAS DA SILVA FILHO

UM OLHAR SISTÊMICO: DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA



JOÃO PESSOA

2014

ISRAEL DIAS DA SILVA FILHO

UM OLHAR SISTÊMICO: DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA



Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Geovanní Soares de Assis.

JOÃO PESSOA
2014

S586i Silva Filho, Israel Dias da.

Um olhar sistêmico: diagnóstico e intervenção psicopedagógica
/ Israel Dias das Silva Filho. – João Pessoa: UFPB, 2014.

72f.

Orientador: Geovanni Soares de Assis

Monografia (graduação em Psicopedagogia) – UFPB/CE

1. Sistemas. 2. Intervenção psicopedagógica.
3. Assessoramento. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37+159.9 (043.2)

ISRAEL DIAS DA SILVA FILHO

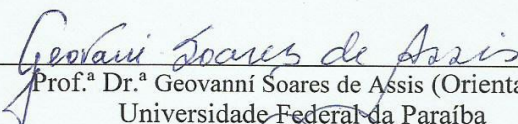
UM OLHAR SISTÊMICO: DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

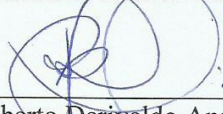
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

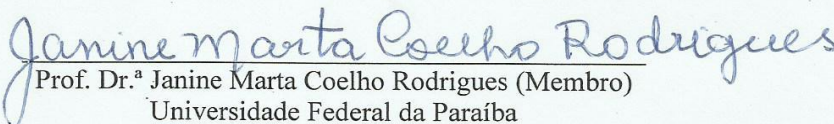
Orientador(a): Prof.^a. Dr.^a. Geovanni Soares de Assis

Aprovado em: 13 / 03 / 2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Geovanni Soares de Assis (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba


Prof.^a Dr.^o Roberto Derivaldo Anselmo (Membro)
Universidade Federal da Paraíba


Prof. Dr.^a Janine Marta Coelho Rodrigues (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

Dedico este trabalho aos meus pais Maria do Carmo e Israel (in memoriam) por ter me proporcionado o meu corpo, templo e veículo necessário para a expressão da minha individualidade na caminhada infinita da vida.

*Agradeço a Força Incrível (Deus Pai Mãe) pelo dom da vida. Aos meus pais, **Israel Dias da Silva** (in memoriam) e **Maria do Carmo Silva**, pelo aprendizado. Agradeço a todos os meus irmãos, sobrinhos, amigos, companheiros de todas as horas. A todos os educadores que passaram na minha vida, pela orientação, pelo incentivo e paciência. Aos discentes e docentes do Curso de Psicopedagogia pela oportunidade de compartilharmos saberes. Aos docentes e discentes dos projetos de pesquisa e extensão, o meu carinho, minha admiração e o meu muito obrigado. À equipe gestora e técnica da escola onde foi realizada a pesquisa, pela oportunidade que me foi dada. Aos pais, professores, funcionários e, principalmente, às crianças da escola pela acolhida.*

"É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática".

Paulo Freire

RESUMO

A presente monografia descreve a experiência de um processo de pesquisa-ação realizada em uma Escola Pública, localizada no Bairro dos Novais – João Pessoa – Paraíba – Brasil. Tivemos como objetivo geral descrever a contribuição da intervenção psicopedagógica numa perspectiva sistêmica ao processo educativo e aos sistemas que se inter-relacionam com o aprender. A visão sistêmica que estrutura a linha de raciocínio disposta nessa pesquisa e que embasa a formulação teórico-prática da intervenção psicopedagógica mostra que é possível promover uma intervenção que respeite a realidade da instituição pesquisada e ao mesmo tempo promova mudanças que resgate o ser humano, na sua integridade, como sujeito que interage nos diversos sistemas envolvidos com a aprendizagem. Quando abordamos a intervenção psicopedagógica estamos relatando sobre um processo avaliativo que se concretiza com uma demanda de assessoramento. Entendemos que para o assessoramento é necessário uma visão global que leve em conta a situação atual e o projeto educativo da instituição com a finalidade de promover seu desenvolvimento. Nesta pesquisa, pretendemos na prática, auxiliar educadores, pais e aprendentes a se comunicarem e se ajudarem para dinamizar a aprendizagem, colocando os sujeitos envolvidos na pesquisa-ação como autores responsáveis pelas ações desenvolvidas, apresentando dados e informações relevantes sobre o trabalho de intervenção psicopedagógica no contexto educacional. Inicialmente apresentando o mapeamento institucional, descrevendo e caracterizando o campo onde foram realizadas as ações interventivas, identificando o diagnóstico e as propostas que foram desenvolvidas na intervenção psicopedagógica. Após o mapeamento, discutimos a partir do referencial teórico, a contribuição da intervenção psicopedagógica para o processo educativo e para os sistemas que se inter-relacionam com o processo do aprender. Logo após a fundamentação teórica, foi descrito as atividades desenvolvidas na instituição escolar onde se realizou a intervenção psicopedagógica. Tratou-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, metodologicamente o trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa-ação, para concretizá-la, utilizamos os procedimentos de pesquisa bibliográfica, que favoreceram a fundamentação teórica, aplicamos para intervenção a observação direta intensiva do contexto institucional, como também, registros em um diário de bordo e a utilização de um protocolo de observação para coleta de dados. A fundamentação teórica deste trabalho está vinculada à Teoria Geral de Sistemas, a Psicopedagogia, o Psicopedagogo e a Intervenção Psicopedagógica. Para obtenção dos dados foram descritas as atividades interventivas com a equipe técnica-pedagógica, docentes, pais e discentes da turma do 4º ano da manhã que contribuíram nas ações desenvolvidas. Os dados revelaram que os participantes obtiveram crescimento pessoal e profissional, resgataram a autoestima, superaram suas dificuldades, aconteceu também, o reconhecimento dos valores e potenciais existentes em cada um, através das ações nas quais estavam inseridos dentro da instituição. O estudo revelou ainda que tais ações focadas na Teoria Geral dos Sistemas e no olhar psicopedagógico, promoveram interrelações com a família e com os aprendentes. A intervenção confirmou a existência de ações positivas na escola, por meio de projetos implantados no decorrer do período proposto, comprometidos com a aprendizagem e persistindo ativamente na participação dos pais na vida escolar dos filhos.

Palavras-chave: Sistemas. Intervenção Psicopedagógica. Assessoramento. Aprendizagem.

ABSTRACT

This monography describes the experience of a research-action process performed at a Public School located at Bairro dos Novais, João Pessoa, Paraíba, Brazil. It is about the general contribution of a systemic psicopedagogic intervention applied in the context of the educational process and the systems that interrelate with learning. The systemic view that structures arranged in this line of reasoning that supports the research and theory - practice psicopedagogic intervention, formulation shows that it is possible to promote an intervention that respects the reality of the research institution and at the same time promote changes that rescue humans in its integrity as a subject that interacts in various systems involved with learning. When we address the psicopedagogic intervention we are reporting on an evaluation process that takes place with support and assistance. For the assistance it is required a wider vision that takes into account the individual situation and the educational project of the institution. In this research, we intend to in practice, assist educators, parents and learners to communicate and help themselves to increase learning, placing the subjects involved as authors responsible for the actions carried out by presenting data and relevant information about the work of the psicopedagogic intervention in the educational context. Firstly showing institutional mapping, describing and characterising the field where the intervention took place, identifying the diagnosis and proposals which were developed for the intervention. After mapping, we discuss the theoretic reference for the educational process and for the systems that interrelate with the learning process. After the fundamentals of the theory we describe the activities carried out in the school where the intervention took place. This is a descriptive study of qualitative approach. Methodologically the study was developed through research-action utilising the bibliographic procedures that favour the theoretical foundation, then we applied for the intervention the intensive direct institutional context in addition to records from a diary and also use of an observation protocol for data collection. The theoretical grounds for this work is linked to the General System Theory, Psicopedagogy, the Psychopedagogists and Psicopedagogic Intervention. To obtain the data we have described the interventional activities with the technical-pedagogic team, the school, parents and students of the morning fourth grade class that contributed to the actions developed. The data revealed that the participants have obtained personal and academic growth, the rescue of self esteem, the overcoming of difficulties and recognition of the values and potential that exist in each one. The study also shows that such actions focused on The General System Theory and the Psicopedagogic input promoted interrelations with the family and with the learners. The intervention confirmed the existence of positive actions at school shown through projects implemented during the agreed period that were committed to learning and with active encouragement of parents participating in the school life of their children.

Key words: Systems. Psicopedagogic Intervention. Assistance. Learning.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE FIGURAS	X
ÍNDICE DE QUADROS	X
1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 TEORIA GERAL DOS SISTEMAS	14
2.2 A PSICOPEDAGOGIA, O PROCESSO EDUCATIVO E OS SISTEMAS QUE SE INTER-RELACIONAM COM O APRENDER	17
2.3 O PSICOPEDAGOGO INSTITUCIONAL E O PROCESSO DE INTERVENÇÃO	23
3 TRILHA METODOLÓGICA	29
3.1 DESENVOLVIMENTO	29
3.2 PROCEDIMENTO	31
3.3 INSTRUMENTO	31
3.4 MAPEAMENTO DA INSTITUIÇÃO-DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	32
3.5 DIAGNÓSTICO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	35
3.6 OBSERVAÇÃO EM CAMPO	35
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS MATERIAIS	37
4.1 INTERVENÇÃO	37
4.2 AVALIAÇÃO	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
ANEXOS	58
ANEXO A1	59
ANEXO A2	70

ÍNDICES DE FIGURAS

Figura 1 – Circularidade da Pesquisa-ação	30
Figura 2 – Foto Escola Pública.....	32
Figura 3 – Foto Apresentação da Proposta de Intervenção	39
Figura 4 – Foto Quadro de Planejamentos e Reuniões.....	40
Figura 5 – Foto Entrega dos planos e instrumento psicossocial.....	40
Figura 6 – Foto Roda de conversa com os alunos do 4º ano A manhã	41
Figura 7 – Foto do TDE – Teste de escrita e matemática na sala	42
Figura 8 – Foto Teste de leitura TDE.....	43
Figura 9 – Foto Construção da Escrita a partir de modelos	44
Figura 10 – Foto Jogo de Palavras	45
Figura 11 – Foto Ditado de palavras utilizando as tecnologias	45
Figura 12 – Foto Atividade com o JOGOLEM	46
Figura 13 – Foto Apresentação dos Jogos	47
Figura 14 – Foto Oficina Psicopedagógica	48
Figura 15 – Foto Reuniões de Pais e Mestres.....	48
Figura 16 – Foto Leitura de livro digitalizado – O menino que aprendeu a vê.....	49
Figura 17 – Foto Educando Sentimentos.....	50

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Planejamento para intervenção psicopedagógica.....	38
--	----

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade reconhecemos os avanços na universalização da educação e essa adquire um papel importante na sociedade moderna. Porém, percebemos um crescente descompasso entre os modelos tradicionais de ensino e as novas abordagens existentes nos meios científicos considerando, sobretudo o sujeito como protagonista na construção da aprendizagem. Em meio a essa realidade é preciso desenvolver um assessoramento que permita mudanças e inovações apropriadas. Identificamos diversas teorias e perspectivas que buscam explicar os problemas ou dificuldades de aprendizagem relacionadas ao rendimento escolar dos aprendentes e ao mesmo tempo perceber o esforço que o sistema educacional tem demonstrado para direcionar ações e melhorias na qualidade do ensino, sobretudo nas instituições educacionais da rede pública.

Algumas concepções teóricas atribuem à problemática do desempenho escolar as características biológicas, psicológicas e sociais do sujeito epistêmico, outras enfocam as variáveis do contexto de aprendizagem, sobretudo as características do educador. Outros aspectos como os sociopolíticos da educação são relevantes, atribuindo o desempenho do aprendente às condições políticas, econômicas e culturais que influem sobre o contexto institucional e sobre o processo de ensino. O fracasso escolar também é atribuído a fatores presentes no processo de ensino aprendizagem e nas relações professor-aluno.

Em sua complexidade e multiplicidade identificamos visões isoladas de um todo que traz suas explicações pertinentes, porém, parciais sobre esse processo. A problemática existe e precisamos buscar novas teorias que contribuam para que ao avaliarmos o problema, possamos intervir de forma significativa respeitando a singularidade do sujeito epistêmico e suas inter-relações com o aprender. Desta forma utilizamos a teoria sistêmica para fundamentar nosso trabalho, no sentido de compreender qual a relevância dessa abordagem para a intervenção psicopedagógica e se seus referenciais possibilitam um assessoramento psicopedagógico integral, inter e multidisciplinar. Uma intervenção dentro de um contexto determinado deve valorizar a globalidade dos sujeitos envolvidos que interagem em outros contextos como: a família, a escola, a sala de aula, grupos e a comunidade onde se encontra inserido.

A presente pesquisa se enquadrou no tema da intervenção psicopedagógica e concentrou a atenção sobre a experiência de uma Escola Pública no processo de implantação da pesquisa-ação desenvolvida a partir da observação, avaliação e mediação executada no estágio em Psicopedagogia Institucional.

A fundamentação teórica foi construída a partir dos eixos temáticos sobre a teoria geral dos sistemas (TGS); a psicopedagogia; o psicopedagogo e intervenção psicopedagógica com base em autores como Bertalanffy (2012), Polity (2004), Bossa (2011), Beauclair (2009), Bassedas (1996), Porto (2011), Papalia (2009), Fernández (2001), Kishimoto (2003), Weiss (1998) e Sánchez (2004). As reflexões teóricas e práticas ligadas à intervenção psicopedagógica e de sua contribuição ao processo educativo têm se ampliado ao longo dos anos conforme a demanda existente nas instituições que ainda se prendem aos modelos tradicionais de ensino gerando um descompasso entre as novas abordagens construídas nos meios científicos que consideram, sobretudo, o sujeito como protagonista na construção da aprendizagem.

Neste trabalho, a ênfase é descrever a contribuição da intervenção psicopedagógica numa perspectiva sistêmica para o processo educativo e aos sistemas que se inter-relacionam com o aprender, considerando as contribuições existentes no campo da Psicopedagogia, Pedagogia e da Psicologia, identificando as inter-relações da instituição com a família; desenvolvendo relações de colaboração, interação e confiança mútua entre discentes, docentes e mediadores técnico-pedagógicos, caracterizando os projetos desenvolvidos pela instituição na busca pela integração dos diversos serviços oferecidos para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem e promovendo avaliação e intervenção psicopedagógica considerando os processos de interação existentes do aprendente com os diversos sujeitos (docente, discente, pais e equipe técnica-pedagógica).

A visão sistêmica que estrutura a linha de raciocínio disposta nessa pesquisa e que embasa a formulação teórico-prática da intervenção psicopedagógica mostrou que é possível promover uma intervenção que respeite a realidade da instituição pesquisada e ao mesmo tempo promova mudanças que resgate o ser humano, na sua integridade, como sujeito que interage nos diversos contextos envolvidos com a aprendizagem.

Quando se pensa em intervenção psicopedagógica, na verdade, estamos falando de um processo avaliativo e que se concretiza com uma demanda de assessoramento. O assessoramento às instituições requer uma visão global que leve em conta a situação atual e o

projeto educativo da instituição com a finalidade de promover seu desenvolvimento, favorecendo uma educação transformadora e comprometida pela cidadania global, que reconheça o outro e a todos nós como protagonistas na construção de mudanças favoráveis a aprendizagem. Pressupõe-se um conjunto de ações como: diagnóstico, intervenção, avaliação e o trabalho da instituição colocado em prática. O protagonismo do sujeito aprendiz depende de elementos como o exercício do diálogo, da democracia, da autogestão, da cooperação da solidariedade, da valorização dos vínculos interpessoais, da aprendizagem coletiva, do fortalecimento do sentimento de pertença e da identidade grupal. Precisamos buscar novas teorias que contribuam para que ao avaliarmos a dinâmica escolar, sejamos capazes de intervir de forma significativa respeitando a singularidade do sujeito epistêmico e suas inter-relações com o aprender.

Nesta pesquisa, pretendemos na prática, auxiliar educadores, pais e aprendizes, a se comunicarem e se ajudarem para dinamizar a aprendizagem, colocando os sujeitos envolvidos na pesquisa-ação como autores responsáveis pelas ações desenvolvidas, apresentando dados e informações relevantes sobre o trabalho de intervenção psicopedagógica no contexto educacional. Inicialmente apresentando o mapeamento institucional, descrevendo e caracterizando o campo onde foram realizadas as ações interventivas, identificando o diagnóstico e as propostas que foram desenvolvidas na intervenção psicopedagógica. Após o mapeamento, foi discutida a partir do referencial teórico, a contribuição da intervenção psicopedagógica para o processo educativo e para os sistemas que se inter-relacionam com o processo do aprender. Logo após a fundamentação teórica, foi descrito as atividades desenvolvidas na instituição escolar onde se realizou a intervenção psicopedagógica.

Na próxima sessão seguem os referenciais teóricos que nortearam nossa pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na presente seção abordaremos a base teórica que serviu de aporte para o desenvolvimento e análise das ações desenvolvidas no processo de pesquisa-ação.

2.1 TEORIA GERAL DOS SISTEMAS

Analisando as novas tendências sociais, encontramos no alto das discussões atuais a palavra “sistemas”. Esse conceito se faz presente hoje em todos os campos da ciência e no pensamento popular. Surgiram nos últimos anos, profissões e empregos desconhecidos até pouco tempo atrás, denominados projetos de sistemas, análise de sistemas, engenharia de sistemas, etc, são verdadeiros centros de tecnologia e tecnocracia. As relações entre o homem e a máquina passam a ter importância e entram também inúmeros problemas financeiros, econômicos, sociais e políticos, tornando-se um conceito complexo e alterando significativamente as bases do pensamento científico e forçando o homem a tratar com “complexos”, “totalidades” ou “sistemas” em todos os campos do conhecimento (POLITY, 2004).

A ideia de uma “Teoria Geral dos Sistemas” foi introduzida pela primeira vez por Ludwig Von Bertalanffy, cientista e biólogo que apresentou o conceito do pensamento sistêmico no seminário de filosofia de Charles Morris na Universidade de Chicago em 1937 (BERTALANFFY, 2012). Sua teoria nasceu do esforço em opor-se ao modelo mecanicista-vitalismo, por questionar um mundo fragmentado onde a ciência tradicional assumia uma posição dualista no que diz respeito à questão ontológica da relação entre o pensamento e o ser, princípio esse, proposto por René Descartes como sendo analítico, lógico e racional. Apesar de contrapor a forma analítica de se fazer ciência no qual a biologia, sua área de estudo, estava mergulhada, manteve a visão objetiva da ciência como lógica e racional. Segundo Bertalanffy (2012, p.62) “Seu objeto é a formulação de princípios válidos para os “sistemas” em geral, qualquer que seja a natureza dos elementos que os compõe e as relações ou “forças” existentes entre eles.” Objetiva-se produzir teorias e formulações conceituais que pudessem criar condições de aplicações na realidade empírica. Desde então, o termo **sistemas** tomou tamanha amplitude que é difícil medir a dimensão e a força do seu conceito nas

diversas atividades do conhecimento humano. O conceito de sistemas instalou-se desde as dimensões maquínica e cibernética, as organizações orgânicas e biológicas, ao âmbito social e interracial.

A partir de então, apareceram novas ciências transdisciplinares que já não mais possuíam apenas uma área do saber, mas um sistema complexo organizado em um conjunto interativo. Segundo Sanchez-Cano e Bonals (2008), em 1950, Von Bertalanffy começava a questionar o pensamento reducionista que estudava o sistema por aproximações parciais orientadas pelas diferentes disciplinas.

Chegamos então a uma concepção que, por oposição ao reducionismo, podemos denominar perspectivismo. Não podemos reduzir níveis biológico, social e do comportamento ao nível mais baixo, o das construções e leis da física. Podemos, contudo encontrar construções e possivelmente leis nos níveis individuais. [...] O princípio unificador é que encontramos organização em todos os níveis. A concepção mecanicista do mundo, considerando o jogo das partículas físicas como a realidade última, encontrou sua expressão numa civilização que glorifica a tecnologia física que levou finalmente às catástrofes de nosso tempo. (BERTALANFFY, 2012, p.76)

De acordo com a sua teoria o todo é mais que o conjunto ou que a soma de suas partes. A T.G.S. afirma que se deve estudar os sistemas globalmente, envolvendo todas as interdependências de suas partes.

O conceito de sistema pode ser definido como um conjunto de elementos, materiais ou não, que dependem reciprocamente uns dos outros, de maneira a formar um todo organizado. Esta definição dá uma idéia da estrutura do sistema, apresentando-o como um todo formado de partes interdependentes e harmônicas, que tem sua atenção voltada para o interior do sistema, ignorando o que se passa à sua volta.

Na nova perspectiva Bertalanffy (2012), situa o sistema no entorno de um ambiente e analisa não somente o que se passa dentro dele, mas também as trocas que se realizam entre o sistema e o ambiente. Do ponto de vista de sua relação com o meio ambiente, o sistema pode ser fechado ou aberto. Em linhas gerais o sistema fechado apresenta fronteiras impermeáveis ao ambiente. No sistema aberto existe um movimento de entrada e saída de elementos através das fronteiras. O sistema aberto recebe do ambiente, novos elementos, matéria-prima, energia, informações (entrada) e devolve ao ambiente produtos do sistema (saída). Informações sobre os produtos podem constituir novas entradas para o sistema (feedback), permitindo-lhe reajustar-se para corrigir eventuais falhas no processo.

O dinamismo do sistema conduz a conceitos como o da “Cibernética” que estuda a comunicação e o sistema de controle dos organismos vivos e também das máquinas. Segundo Bertalanffy (2012, p. 43), “Cibernética é uma teoria dos sistemas de controle baseada na comunicação (transferência de informação) entre o sistema e o meio, dentro do sistema e do controle (retroação) da função dos sistemas com respeito ao ambiente”.

De acordo com Polity e colaboradores (2004, p. 42) “O sistema aberto tem como característica essencial a sua organização, que é controlada pela informação e abastecida pela energia. Este conceito põe em relevo certas propriedades dos sistemas abertos, fundamentais à compreensão da organização e o funcionamento da instituição [...]”

As propriedades gerais são: globalidade, retroalimentação ou feedback, homeostase e equifinalidade. Na globalidade, o sistema comporta-se não como simples conjunto de elementos independentes, mas como um todo unido, inseparável e interdependente. Na retroalimentação as partes do sistema unem-se por meio de uma relação circular. Na homeostase ocorrem os feedbacks negativos ou positivos que determinam a qualidade das relações e interações existentes no sistema, contribuindo para seu equilíbrio e transformação (POLITY, 2004). A propriedade de equifinalidade foi sugerido por Bertalanffy como características de sistemas abertos, e estabeleceu que um “sistema pode alcançar o mesmo estado final a partir de diferentes condições iniciais e por caminhos distintos”.

Como se pôde ver o conceito central dessa nova epistemologia é a idéia de circularidade em oposição à de causalidade linear. Neste caso a mesma autora informa que no modelo clássico da ciência tradicional, a causalidade é considerada linear. Causa e efeito são compreendidos quando as variáveis são alteradas gradualmente até que se isole o que produz um evento específico. Contrariamente a esse reducionismo, a T.G.S formula que não se encontra essa ordem clara e nítida de causa e efeito, sem que exista uma imposição artificial. O conceito circular afirma que um todo não possui começo e fim. Os problemas existentes no sistema bem como as responsabilidades são compartilhadas por todos que formam o sistema.

Como pesquisadores, atuamos a partir do nosso referencial teórico, da nossa visão de realidade, de nossos instrumentos, do contexto que observamos, das informações que obtemos dele e das interrelações existentes entre os espaços pelo os quais nos relacionamos durante toda vida. Desta forma, encontramos espaços de funcionalidade e compreensão da teoria na Psicopedagogia, cujo corpus teórico específico da área enfatiza essas interrelações. Não há mais sentido nos aproximar de uma análise da realidade a partir de uma postura disciplinar

fechada. Para Bertalanffy (2012) o conhecimento não é uma simples aproximação da ‘verdade’ ou da ‘realidade’. É uma interação entre conhecedor e conhecido, dependendo de múltiplos fatores de natureza biológica, psicológica, cultural, lingüística, etc.

O enfoque sistêmico, originalmente concebido na biologia, bem como nas teorias da informação e da cibernética, é hoje amplamente reconhecido como parte dos novos paradigmas culturais que buscam uma visão integrada do homem e seu contexto.

Conforme Bertalanffy (2012) parece legítimo exigir-se uma teoria não dos sistemas de um tipo mais ou menos especial, mas de princípios universais aplicáveis aos sistemas em geral. O mesmo autor postulou uma nova disciplina chamada Teoria Geral dos Sistemas. Seu conteúdo é a formulação e derivação dos princípios válidos para os “sistemas” em geral. Essa estrutura teórica esta em processo de desenvolvido e nesse sentido, a Teoria Geral dos Sistemas parece ser um importante avanço no sentido da síntese interdisciplinar e da educação integrada.

2.2 A PSICOPEDAGOGIA, O PROCESSO EDUCATIVO E OS SISTEMAS QUE SE INTERRELACIONAM COM O APRENDER

A Psicopedagogia é um campo de conhecimento específico recente, que surgiu a partir dos conhecimentos trazidos da Pedagogia e da Psicologia. Por meio da Pedagogia herdamos a praticidade desenvolvendo nossas ações a partir de um tipo de “educação formal” ou “não formal” com suas regras, organização do conhecimento, as divisões do saber e os métodos tradicionais. Mesmo mergulhado nessa realidade, com a chegada da Pedagogia, a educação passou a ser, como nunca antes na história da humanidade, objeto de estudo e reflexão. Com a Psicologia entendemos o aspecto intelectual/cognitivo da aprendizagem que se dá pelos processos psíquicos que facultam o entendimento ou a compreensão do objeto do aprender. Para Muller (apud BOSSA, 2011, p. 32) é função da Psicologia:

pensar como se incrementam os conhecimentos, ou entram em contradição e são substituídos; que leis regem estes processos; que influências afetivas e representações inconscientes os acompanham; que dificuldades interferem ou impedem; de que maneira é possível favorecer as aprendizagens ou tratar suas alterações.

A autora expressa que é função da Pedagogia pensar o que é educar, o que é ensinar e aprender; como se desenvolvem estas ações; como incidem subjetivamente os sistemas e

métodos educativos; quais os problemas que intervêm no surgimento de transtornos de aprendizagem e fracasso escolar; que sugestões são propostas para a mudança.

A Psicopedagogia campo teórico e prático, situada além dos limites dessas disciplinas (Pedagogia e Psicologia) evoluiu centrada no interesse de integrar experiências e vivências profissionais vinculadas a uma práxis em busca de um corpo teórico próprio. Encontrou muito de seus aportes teóricos na integração de vários campos do conhecimento, objetivando ter uma compreensão mais integradora do processo da aprendizagem humana. Consolidar pontes entre disciplinas, é, e será condição inerente a natureza da Psicopedagogia e a coloca em posição privilegiada neste final de século, em que a divisão taxativa entre ciências, própria do positivismo, perde lugar e ao mesmo tempo também a coloca em uma situação de complexidade, estimulando o debate e a consolidação de perspectivas epistemológicas para suas práticas e problemas.

O campo de atuação da Psicopedagogia foi se ampliando, pois inicialmente caracterizava-se somente no aspecto clínico. Hoje pode ser aplicado no segmento escolar e ainda em segmentos hospitalares, empresariais e em organizações que trabalhem gestão de pessoas. Sua ação dependerá da modalidade a que se destina sua prática seja na atuação clínica, institucional ou teórica, assumindo cada uma delas, características específicas.

Ao delimitar o campo de atuação do trabalho psicopedagógico, deve-se, no entanto, diferenciar essas modalidades de atuação especificando as suas tarefas. Dessa forma, o trabalho psicopedagógico na área preventiva é de orientação no processo ensino-aprendizagem, visando favorecer a apropriação do conhecimento pelo ser humano, ao longo da sua evolução. Esse trabalho pode se dar na forma individual ou na grupal, na área da saúde mental e da educação. (BOSSA, 2011, p.47)

A Psicopedagogia¹ tem como objeto de estudo a aprendizagem humana, e nasceu da necessidade de compreender o processo de aprendizagem dos sujeitos envolvidos nos diversos sistemas que se interrelacionam com o aprender. Para Bossa (2011, p.24), “o objeto central de estudo da Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos – bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento”.

Dessa forma Beauclair (2009) elucida que para entendermos o que vem a ser Psicopedagogia, é de fundamental importância perceber que nos defrontamos com um

¹ Ver regulamentação da profissão e atuação da Psicopedagogia, o Projeto de Lei (PCL 31/2010) de autoria do Senador Cyro Miranda.

“espaçotempo”, complexo e rico ao mesmo tempo, gerador de muitas angústias, por não conseguirmos darmos conta da totalidade que se apresenta, de modo variado, a cada um de nós.

A psicopedagogia campo de estudo que está se estruturando e por ser uma área nova do conhecimento busca outras áreas para fundamentar sua prática. Diferentes abordagens teóricas contribuem com seus enfoques para a construção de um referencial teórico que explique esse processo e sustente práticas que tornem compatíveis as demandas sociais e o desenvolvimento dos indivíduos.

Segundo Bossa (2011, p.40):

[...] Devido à complexidade do seu objeto de estudo, são importantes à Psicopedagogia conhecimentos específicos de diversas outras teorias, as quais incidem sobre os seus objetos de estudos, por exemplo:

- * a Psicanálise encarrega-se do mundo inconsciente, das representações profundas, operantes por meio da dinâmica psíquica que se expressa por sintomas e símbolos, permitindo-nos levar em conta a face desejante do homem;

- * a Psicologia Social encarrega-se da constituição dos sujeitos, que responde as relações familiares, grupais, institucionais, em condições socioculturais e econômicas específicas e que contextualizam toda a aprendizagem;

- * a Epistemologia e Psicologia Genética se encarregam de analisar e descrever o processo construtivo do conhecimento pelo sujeito em interação com os outros e com os objetos;

- * a Linguística traz compreensão da linguagem como um dos meios que caracterizam o tipicamente humano e cultural: a língua enquanto código disponível a todos os membros de uma sociedade e a fala como fenômeno subjetivo, evolutivo e histórico de acesso a estrutura simbólica;

- * a Pedagogia contribui com as diversas abordagens do processo ensino aprendizagem, analisando-o do ponto de vista de quem ensina;

- * fundamentos da Neuropsicologia, possibilitando a compreensão dos mecanismos cerebrais que subjazem ao aprimoramento das atividades mentais, indicando-nos a que correspondem, do ponto de vista orgânico, todas as evoluções ocorridas no plano psíquico.

Nesse sentido a psicopedagogia não é um saber fechado, mas um saber dinâmico e aberto. Diversos autores evidenciam que é uma área interdisciplinar e por possuir essa característica, delimita seu próprio objeto de estudo e pesquisa, requisito fundamental da interdisciplinaridade. Atualmente, interdisciplinaridade é sinônimo de desafios. Em nossas pesquisas teóricas não encontramos consenso sobre a definição dessa temática. Concluimos ser um termo que não tem significado único, mas percebemos implícita uma nova postura da psicopedagogia diante do conhecimento, uma mudança de atitude em busca da totalidade do conhecimento, do homem como ser integral. Para Beauclair (2009, p. 22) “Nossa atualidade nos desafia a superação de uma visão restrita de vida, mundo e aprendizagem”.

O sujeito é entendido como aquele indivíduo que está sempre aprendendo, possuidor de um corpo biológico e características próprias que influencia e é influenciado pelo meio onde está inserido. Aprendemos com o outro, na família, na escola e na sociedade.

Entende-se por meio, os espaços que determinam o “movimentar” dos sujeitos envolvidos nos diversos sistemas por onde interage.

Rosnay (apud BASSEDAS et al. , 1996, p.8) define um sistema como um conjunto de elementos em interação dinâmica e organizados em função de uma finalidade. O indivíduo está imerso em uma realidade onde coexistem diversos sistemas, cada um com suas regras, estrutura e ideologia. Este modelo sistêmico amplia nosso conceito de aprendizagem, pois se dá de forma relacional e interdependente. Todos os sujeitos envolvidos no processo ensino aprendizagem são responsáveis pelos resultados das aprendizagens e ensinagens. É preciso que se veja, tanto o ensinante quanto o aprendiz, às famílias de ambos, a escola, o próprio contexto social, como todos os envolvidos neste processo, como co-responsáveis pela aquisição do aprender.

A autonomia dos seres vivos é uma alternativa à posição representacionista. Por serem autônomos, eles não podem se limitar a receber passivamente informações e comandos vindos de fora. Não ‘funcionam’ unicamente segundo instruções externas. Conclui-se, então, que se os considerarmos isoladamente eles são autônomos. Mas, se os vemos em seu relacionamento com o meio, torna-se claro que dependem de recursos externos para viver. Desse modo, autonomia e dependência deixam de ser opostos inconciliáveis: uma complementa a outra. Uma constrói a outra e por ela é construída, numa dinâmica circular. (MATURANA; VARELA, 2001, p.14)

Nesta dinâmica circular podemos compreender o aprender a partir de um olhar sistêmico e que esse processo ocorre nas interações do sujeito epistêmico nos diversos subsistemas por onde interage. A família, a escola, o aprendiz, os mediadores formam um sistema. Das instituições sociais existentes, a escola se destaca pela sua importância. De acordo com a teoria sistêmica a escola é vista como um sistema aberto que divide responsabilidades e funções. Segundo Bassedas e colaboradores (1996, p.26) “A escola, como instituição social, pode ser considerada de forma ampla e, de acordo com a teoria sistêmica, como um sistema aberto que compartilha funções e que se interrelaciona com outros sistemas que integram todo o contexto social”. Concordamos com Porto (2011) que a escola, não é apenas o espaço escolar, mas o espaço da vida.

O modo como os diferentes contextos ou ambientes nos quais se desenvolve a vida do aprendente, podem vincular-se entre si mediante o intercâmbio, tanto entre os instrumentos utilizados como entre as pessoas que participam nele.

As ações educativas da escola não podem ocorrer sem a participação dos pais. A família como um dos sistemas envolvidos, precisa contribuir para que seus filhos alcancem proficiência na aprendizagem. Para isso, é preciso que a família cumpra sua função. De acordo com Bassedas e colaboradores (1996, p.33), “A família como sistema possui uma função psicossocial de proteger os seus membros e uma função social de transmitir e favorecer a adaptação à cultura existente”. Em outro momento, à escola compete ampliar os processos formativos através da modalidade de ensino, já que o Estado e a sociedade espera que ela cumpra o seu papel.

Num outro nível, a sociedade outorga à escola a missão de educar e instruir os alunos, visando à sua integração da forma mais plena possível como seres individuais e com critério próprio para abordar assuntos diferentes, tanto aqueles relativos à maturidade pessoal como os referentes à sua integração social. Assim, a escola não pode agir independentemente; existe um outro sistema mais aprangente, que é a administração do Estado, dentro do qual ela está inserida e que é o que propõe os objetivos mínimos que cada aluno deve atingir ao concluir o ensino obrigatório”. (BASSEDAS et al., 1996, p.27).

A educação deve ser entendida como um processo necessário ao desenvolvimento integral do sujeito envolvido no processo do aprender. Nos dias atuais se faz necessário que as diferenças individuais devam ser aceitas e trabalhadas durante o processo de aprendizagem. Teorias como a de Piaget e Vigotsky demonstram que o conhecimento é uma constante e efetiva construção, que sempre parte das concepções prévias do educando, do seu cotidiano, das suas dúvidas e de seus problemas. Porto (2011, p.18), afirma que: “Para Piaget, o homem é um sistema aberto”. A interação existente entre o ambiente e o sujeito proporciona a construção da inteligência. Papalia (2009, p.76), acentua que: “Piaget acreditava que o desenvolvimento cognitivo inicia com uma capacidade inata de se adaptar ao ambiente”. Vigotsky foi além de Piaget, via o crescimento do cognitivo como um processo cooperativo. De acordo com as palavras de Vigotsky (apud Papalia, 2009, p.82), “[...] as crianças aprendem através da interação social”.

O papel do professor na construção da inteligência cognitiva é de suma importância, sendo necessário que os mesmos na escola interajam de forma determinante nas relações do

aprender e nas construções interpessoais, já que o professor hoje é considerado um mediador que pertence e age em diferentes subsistemas.

O papel solicitado do professor na situação de ensino e aprendizagem é o de uma atuação constante, com intervenções para todo o grupo de aula e para cada um dos alunos em particular. Isto é bastante difícil, e, ainda mais, quando é somada a demanda que fazemos de que se deve observar sistematicamente, o processo que os alunos desenvolvem durante a aprendizagem, para poder intervir no mesmo com uma ajuda educativa adequada. [...] É necessário que as orientações sejam situadas num ponto justo e que se encaixem no estilo e no momento dos professores e da escola, para irem avançando rumo a uma maior compreensão e domínio do processo educativo. (BASSEDAS et al., 1996, p.30)

Ser um educador não é fácil, requer muitos requisitos, e um dos principais desafios enfrentados, é o de conservar o interesse dos aprendentes nas atividades educativas apresentadas na sala de aula. É de grande valor que o educador inovador, esteja sempre inteirado e que construa o processo de aprendizagem, sempre sendo um elo entre o aluno e a comunidade. Seu compromisso deve pautar-se com a construção das competências sociais, pessoais e tecnológicas dos alunos, tornando-se parceiro neste processo.

Nesta perspectiva, o trabalho psicopedagógico é proposto para prevenir as possíveis dificuldades de aprendizagem que possam surgir durante o processo educativo nas relações com outros contextos envolvidos, seja na família, na escola ou na comunidade, bem como, junto à equipe docente da escola, assessorando e colaborando na dinâmica do trabalho pedagógico. A prática psicopedagógica pode ser preventiva ou clínica, dependendo do problema surgido no trabalho psicopedagógico, que segundo Bossa (2011, p.24), “No trabalho preventivo, a instituição, enquanto espaço físico e psíquico da aprendizagem é objeto de estudo da psicopedagogia, uma vez que são avaliados os processos didático-metodológicos e a dinâmica institucional que interferem no processo de aprendizagem”.

A prática psicopedagógica preventiva considera o sujeito em seu desenvolvimento, enquanto um ser educável, focalizando as possibilidades do aprender de forma mais ampla, possibilitando trabalhar as necessidades individuais a partir de um enfoque preventivo. Para Rubinstein (apud BOSSA, 2011, p. 22):

Em um primeiro momento a psicopedagogia estava voltada para a busca e o desenvolvimento de metodologias que melhor atendessem aos portadores de dificuldades, tendo como objetivo fazer a reeducação ou a remediação e desta forma promover o desaparecimento do sintoma. Ainda, a partir do momento em que o foco de atenção passa a ser a compreensão do processo de aprendizagem e a relação que o aprendiz estabelece com a mesma, o objeto da psicopedagogia passa a ser mais abrangente: a metodologia é apenas um aspecto no processo terapêutico, e o

principal objetivo é a investigação de etiologia da dificuldade de aprendizagem, bem como a compreensão do processamento da aprendizagem considerando todas as variáveis que intervêm nesse processo.

Os problemas de aprendizagem se associam paralelamente ao desenvolvimento das sociedades, a escola foi impondo exigências, ampliando o número de acesso e ao mesmo tempo inúmeros processos de inadaptação para os sujeitos envolvidos. Considerando apenas os métodos eficazes que serviam para a maioria e criando processos excludentes de seleção e segregação, desrespeitando a modalidade de aprendizagem do sujeito que para Fernández (apud BOSSA, 2011, p. 26), “Todo sujeito tem sua modalidade de aprendizagem, ou seja, meios, condições e limites para conhecer”.

2.3 O PSICOPEDAGOGO INSTITUCIONAL E O PROCESSO DE INTERVENÇÃO

O psicopedagogo institucional a partir de sua construção teórica poderá contribuir para auxiliar nos processos formativos do processo de ensino, respeitando a modalidade de aprendizagem de cada sujeito, ajustando os métodos e a corrente pedagógica utilizada pela instituição.

Para Fonseca (1995, p.9),

As crianças não podem continuar a ser vítimas de métodos por mais populares que sejam. Temos que ajustar as condições internas de aprendizagem, isto é, as condições da criança (o que pressupõe um estudo aprofundado do seu desenvolvimento biopsicossocial) às exigências das tarefas educacionais, ou seja, às condições externas da aprendizagem, ou melhor, às condições de ensino inerentes ao professor e ao sistema de ensino, ou seja, aos seus processos de transmissão cultural.

O maior problema para intervir na realidade pesquisada está em compreendermos a complexidade dinâmica da realidade e colocarmos em foco a centralidade humana, entendendo que somos seres determinantes e determinados pelo contexto de nossas realidades e pelas relações que conseguimos estabelecer conosco e com os outros, com o mundo (BEAUCLAIR, 2009).

O psicopedagogo tem que considerar o momento e o grau de maturidade em que se encontra a instituição, e entender o processo educativo dentro de um contexto realista. Estamos inseridos em diversos sistemas que fazem parte do nosso raio de ação, por isso, a necessidade de ampliar nosso campo de ação em relação à avaliação, diagnóstico e intervenção nas dificuldades de aprendizagem do sujeito em relação ao processo do aprender. Segundo Bassedas e colaboradores (1996, p.42), “O diagnóstico psicopedagógico tenta

aproximar e obter comunicações funcionais e operacionais entre dois sistemas fundamentais para a criança: a família e a escola”. O psicopedagogo institucional objetiva levar o sujeito a reintegrar-se à dinâmica escolar no seu ritmo normal, respeitando as suas capacidades em várias áreas.

Segundo Bossa (2011, p.105) o assessoramento psicopedagógico promove:

1. o levantamento, a compreensão e a análise das práticas escolares e suas relações com a aprendizagem;
2. o apoio psicopedagógico a todos os trabalhos realizados no espaço da escola;
3. a resignificação da unidade ensino/aprendizagem, a partir das relações que o sujeito estabelece entre o objeto de conhecimento e suas possibilidades de conhecer, observar e refletir, a partir das informações que já possui;
4. a prevenção de fracassos na aprendizagem e a melhoria da qualidade do desempenho escolar.

Bossa (2011, p. 105-106) esclarece que o trabalho de assessoramento pode ser desenvolvido em diferentes níveis, possibilitando aos educadores conhecimentos para:

1. a reconstrução de seus próprios modelos de aprendizagem, de modo que, ao se perceberem também como “aprendizes”, revejam seus modelos de ensinantes.
2. a identificação das diferentes etapas do desenvolvimento evolutivo dos alunos e a compreensão de sua relação com a aprendizagem;
3. o diagnóstico do que é possível ser melhorado no próprio ambiente escolar e do que precisa ser encaminhado para profissionais fora da escola;
4. a percepção de como se processou a evolução dos conhecimentos na história da humanidade, para compreender melhor o processo de construção de conhecimentos dos alunos;
5. as intervenções para a melhoria da qualidade do ambiente escolar;
6. a compreensão da competência técnica e do compromisso político presentes em todas as dimensões do sujeito.

O psicopedagogo desenvolve seu trabalho entendendo que a intervenção psicopedagógica deve abrir espaços que proporcione a construção da autoria de pensamento dos sujeitos envolvidos na dinâmica escolar, incentivando, estimulando e motivando ensinantes e aprendentes para que sejam participativos e criem laços e interdependência positiva, despertando o interesse nos alunos a aprender e nos professores a vontade de ensinar. Para isso, é preciso libertar a inteligência aprisionada, que só poderá ocorrer através do encontro com o prazer de aprender que foi perdido.

Inannantuoni (apud FERNÁNDEZ, 2001, p.29) descreve que:

[...] a escola como instituição tende à submissão a determinadas pautas, em vez de promover o fato artístico e a autoria da produção; não surpreende o fato de que não conte com a possibilidade de questionar a si mesma. As repostas de que ‘as crianças não leem’, ‘não gostem de lê’, ‘escrevem sempre as mesmas orações’, ‘apresentam muitos erros de ortografia’, etc., sempre encontram linearmente suas causas fora do ambiente escolar. Não servem para questionar-se dentro dele. Como a escola pode proporcionar o surgimento de sujeitos escritores, representantes de suas ideias,

gestores de atos criativos? Talvez não apenas enunciando-os formalmente em objetivos e/ou expectativas de sucesso. Talvez possibilitando que os docentes possam mostrar-se como modelos de autoria de pensamento e de palavra, como sujeitos que possam desmontar seus 'duendes e suas princesas', porque, como pretender que o aluno que vai à escola seja um sujeito construtor de suas próprias aprendizagens, se não se outorga ao docente que, como ensinante, se encontre com sua autoria?

Intervir numa escola não significa anular a regra já estabelecida, o ritmo adotado. A intervenção sim, investiga as diversidades e as diferenças que estão moldadas na instituição. Ao psicopedagogo cabe refletir, analisar e intervir mediante a forma de aprendizagem aplicada pelos educadores. Com base no relato de Fernández (2001, p.35) "A psicopedagoga ou o psicopedagogo é alguém que convoca todos a refletirem sobre sua atividade, a reconhecer-se como autores, a desfrutarem o que têm para dar". Em outro momento da intervenção, cabe analisar com atenção o desempenho dos aprendentes, que tipo de erros serão produzidos, sempre realizando as ações junto ao professor. Nesse caso, Sisto e colaboradores (2010, p.73) afirmam que:

A partir da observação do desempenho dos alunos em sala de aula e na análise da sua produção, é possível verificar se apenas um ou dois alunos apresentam dificuldades em relação a um conteúdo ou unidade específica, ou apresentam dificuldades em relação a conjuntos de vários conteúdos.

Neste caso, objetiva-se verificar se a intervenção deve ser individualizada ou em grupo, a partir de relatórios ou instrumentos que auxiliem o psicopedagogo e o pedagogo nas atividades a serem realizadas na intervenção psicopedagógica. Com relação ao diagnóstico, Fernández (2001), considera a relação entre o aprendente e o ensinante, na qual, quando desvendada, permite o acesso à relação do sujeito com o conhecimento, levando em conta seus aspectos corporais, intelectuais e afetivos. A mesma autora apresenta como estratégia diagnóstica o uso do jogo numa atividade que denomina hora de jogo psicopedagógico, na qual, segundo ela, o espaço para jogar reflete o espaço para o aprender da criança. Para que a criança alimente o seu impulso natural de curiosidade se faz necessário que os educadores ofereçam diferencial nos estímulos e oportunidades, utilizando recursos diversos como: objetos concretos, cantigas, cartazes, jogos, brincadeiras e informática. No momento em que o educador faz uso de atividades didáticas, exemplificando o lúdico, o aprendente terá condições de organizar-se de forma prazerosa, proporcionando-lhe horas de análise, de lógica, de percepção sensorial, entre outros aspectos, o que facilitará os profissionais envolvidos no

processo de aprendizagem a fazer um melhor diagnóstico e conquistar uma melhor intervenção, já que os educadores conseguiram atingir a meta desejada.

As atividades lúdicas resultam um maior interesse por parte dos aprendentes, fazendo com que os mesmos aprendam espontaneamente, que tenham mais atenção e que aumente sua autoconfiança, fazendo com que o aprendizado não seja algo cansativo, mas sim uma maneira inovadora de aprender se divertindo. Fromberg (1987), ao discutir sobre os jogos, destaca algumas de suas características: representam a realidade e as atitudes humanas; possibilitam a ação no mundo (mesmo que de modo imaginário); incorporam motivos e interesses da própria criança; estão sujeitos a regras, sejam elas explícitas ou implícitas; e tem alto grau de espontaneidade na ação.

Alguns estudiosos em diferentes épocas têm defendido a ideia de que precisamos promover um ensino mais lúdico e “criativo”, surgindo, assim, a noção de “brinquedo educativo”. Os jogos educativos podem ser poderosos aliados para intervir nos alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem da leitura, escrita e matemática sem ocasionar treinos enfadonhos e sem sentido. Brincando, por exemplo, elas podem compreender os princípios de funcionamento do sistema alfabético e podem socializar seus saberes com os colegas.

Kishimoto (2003, p. 37-38) mostra-nos que:

A utilização do jogo potencializa a exploração e construção do conhecimento por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos.

Nas aulas onde não se aplicam os jogos, podemos incorporar na intervenção psicopedagógica à utilização de atividades, utilizando-se do computador como recurso mediador entre o ensinante e o aprendente construindo com o outro uma interação capaz de promover trocas e experiências que nos desafie a construir socializações significativas, possibilitando um acesso dinâmico e rápido na comunicação com os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, temos que aprimorar meios para atender a necessidade de dominarmos conhecimentos como esse que impõe a construção de novas perspectivas na educação. A tecnologia educacional não resolve os problemas educativos apresentados no ato de aprender, entretanto devemos fazer uso desse recurso como facilitador das práticas educacionais para promover um sujeito autônomo na sua formação.

A informática educativa propõe um trabalho que possibilite aos sujeitos envolvidos no processo de aprender a utilização das tecnologias como recursos facilitadores para a aprendizagem. Segundo Weiss (1998, p.14) “A informática tornou-se uma necessidade no mundo em que vivemos, e a escola, na missão de preparar o indivíduo para a vida, sente a responsabilidade de não fechar os olhos para essa realidade”. A utilização do computador na escola pode colaborar na intervenção no processo educativo, estimulando a busca do conhecimento e a criatividade do aluno. Para o professor, sua contribuição se dá com o aproveitamento dessa ferramenta para a construção do seu conhecimento e na identificação das dificuldades no processo de aprendizagem. A informática pode provocar uma maior vinculação dos alunos aos conteúdos, de forma agradável e lúdica.

Na intervenção psicopedagógica é preciso construir a partir do trabalho com a equipe docente, projetos integrados que utilizem os recursos tecnológicos para que os conteúdos formais possam ser mediados de forma prazerosa e dinâmica, tendo visto que o computador se faz presente no cotidiano da criança, mesmo não estando incorporado no cotidiano da escola.

Oliveira (1996, p.113) ressalta que:

O grande desafio lançado à educação, hoje em dia, por um ambiente sociocultural em profundas e rápidas transformações, faz com que o educador, muitas vezes perplexo, perca seu rumo. já não consegue se afirmar, ou crer, no paradigma tradicional, que lhe dizia o que e como fazer, fornecendo-lhe um conteúdo programático estável e uma condução didática dele conhecida, hierarquizada. Intui, ou mesmo, chega a compreender, que precisa dominar melhor formas de comunicação e de expressão criativas e organizadas, sem se ater predominantemente a conteúdos, hoje em dia, constantemente revistos e ultrapassados.

As atividades em grupo associadas à informática educativa objetiva contribuir amenizando essa realidade, enfocando a utilização dos computadores pela educação na construção de intercâmbios de informações, visões de mundo, hipóteses de trabalho em um contexto cada vez mais abrangente e rico.

Segundo Sánchez (2004) a intervenção poderá ser direta ou indireta, especializada ou não, formal ou informal, intencional ou incidental, planejada ou espontânea, global ou específica, sistêmica ou parcial. Muitos profissionais: pedagogos, psicólogos, psicopedagogos entre outros, usa o termo “intervenção” para fazer referência à utilização de algum procedimento institucional ou clínico na busca de combater às dificuldades de aprendizagem. Segundo Fernández (apud SANTOS, 2012, p.117) “a palavra ‘intervenção’ esta ligada à ideia

de ‘mediação’, onde o verbo ‘intervir’ corresponde à ação de ‘colocar-se no meio’, ‘vir entre’ [...]”.

A intervenção psicopedagógica, seja qual for a metodologia ou marco teórico adotado, objetiva auxiliar os sujeitos envolvidos na aprendizagem, focando o psicopedagogo, o sujeito em suas dificuldades na construção do processo de ensino aprendizagem. Sánchez (2004, p. 16), postula que: “o campo da intervenção psicopedagógica é entendida como fazendo parte integral das dificuldades de aprendizagem”. Uma intervenção dentro de um contexto determinado deve valorizar a globalidade dos sujeitos envolvidos que interagem em outros contextos como: a família, a escola, a sala de aula, grupos e a comunidade onde se encontra inserido.

Neste sentido, a intervenção psicopedagógica na instituição educacional torna-se uma ferramenta essencial para a melhoria nos indicadores de aprendizagem, já que através do planejamento e de suas ações, torna o estudo atraente e divertido por meio de atividades planejadas e estruturadas de forma dinâmica e motivadora, dando oportunidade para os sujeitos envolvidos no aprender (pais, educadores e educandos) desenvolverem e descobrirem suas potencialidades.

Após a explanação do referencial teórico utilizado o próximo tópico discorrerá sobre a metodologia utilizada.

3 TRILHA METODOLÓGICA

A metodologia constitui a base para o desenvolvimento da pesquisa-ação, haja vista que tem por finalidade explicar como, onde e quando foi realizado o estudo.

3.1 DESENVOLVIMENTO

A pesquisa quanto aos objetivos é descritiva e quanto à discussão dos dados é qualitativa. O trabalho foi realizado metodologicamente por meio da pesquisa-ação. Para Michel (2009, p.43) “neste tipo de pesquisa, o pesquisador se envolve tanto na análise crítica do problema, quanto na implantação das soluções; ele é autor da análise e parte do problema”. O envolvimento do pesquisador na ação é parte integrante da pesquisa. Todos os participantes se integram cooperando e participando na solução de um problema coletivo. Malheiros (2011) afirma que a pesquisa-ação tem como propósito intervir no fenômeno estudado em um determinado contexto para em seguida avaliar os resultados obtidos. A ação originada pela busca de solução para os problemas reais situa o intervencionismo como ponto central das novas pesquisas em educação.

A escolha da metodologia da pesquisa-ação deu-se por opção de uma orientação teórica concreta que levasse em consideração as sutis e variáveis relações que ocorrem dentro e fora da instituição, como também a teoria sistêmica para descrever as relações e os intercâmbios que ocorrem na escola durante o processo de intervenção psicopedagógica. Como Chizotti (2011, p. 84) afirma: “A intervenção torna-se indispensável para identificar as teorias em uso, contrapô-las e modificá-las para, finalmente, avaliar os efeitos das mudanças dos comportamentos dos participantes”.

Segundo Thiollent (2003, p. 14):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação se estrutura em três etapas distintas: Diagnóstico, Intervenção e Avaliação. O Diagnóstico pretende estabelecer o levantamento da situação, dos problemas e das eventuais ações do campo de pesquisa. Nesta etapa o pesquisador deve identificar as

expectativas, os problemas da situação, as características dos sujeitos envolvidos e outros aspectos que fazem parte do diagnóstico. O pesquisador coleta todas as informações disponíveis. Após o levantamento de informações, o pesquisador estabelece os objetivos da pesquisa, considerando os problemas emergentes, o campo de observação e os sujeitos que estarão focalizados no processo de investigação. O tema da pesquisa deve ser definido de acordo com o problema prático e a área do conhecimento a ser abordada. Segundo Thiollent (2003, p.51) “um tema que não interessa a população não poderá ser tratado de modo participativo”. Assim, se estabelece uma problemática através da colocação dos problemas que se pretende resolver em um campo teórico e prático. A Intervenção é a fase na qual o pesquisador formula hipóteses a respeito de possíveis soluções para o problema encontrado na pesquisa. Para Thiollent (2003, p57) “Trata-se de hipóteses sobre o modo de alcançar determinados objetivos, sobre os meios de tornar a ação mais eficiente e sobre a avaliação dos possíveis efeitos, desejados ou não”. Desta forma, na pesquisa-ação é necessário que haja uma relação entre o saber formal e o saber informal, de forma que pesquisadores e participantes evoluam no processo de aprendizagem através da intervenção realizada. A etapa final da pesquisa-ação é a Avaliação, que consiste na concretização da pesquisa através da realização de uma ação planejada. Segundo Thiollent (2003, p.70) “a ação corresponde ao que precisa ser transformado para realizar a solução de determinado problema”. Deve haver o retorno da informação aos grupos envolvidos na pesquisa, para fazer conhecer os resultados da pesquisa e contribuir para a tomada de consciência sobre o tema pesquisado.



Figura 1 – Circularidade da Pesquisa-ação

Fonte: Autor da pesquisa

3.2 PROCEDIMENTO

Para concretização dessa pesquisa-ação utilizou-se dos procedimentos de pesquisa bibliográfica, que favoreceram a fundamentação teórica. Aplicaram-se para essa intervenção a observação direta intensiva do contexto educacional, como também, registros em um diário de bordo e a utilização de um protocolo de observação para nortear a coleta de dados de acordo com o tema da pesquisa. Logo após, realizamos o planejamento das ações interventivas realizadas na escola objetivando auxiliar a ação pedagógica dos professores, a participação dos pais nas tarefas escolares dos filhos. A intervenção foi realizada numa escola municipal de ensino infantil e fundamental, na cidade de João pessoa.

3.3 INSTRUMENTO

O protocolo de observação (*Anexo A1*) foi construído através de aulas introdutórias e expositivas que foram realizadas no Curso de Psicopedagogia com discussões teóricas sobre o que consiste a observação e como se dá a percepção dos autores escolares. O protocolo de observação é dividido em (04) quatro tópicos, são eles: Tópico I: Identificação da Instituição/Campo de pesquisa; Tópico II: A Escola; Tópico III: A Sala de Aula e o Tópico IV: Observação dos Aspectos Pedagógicos e Relacionais. Cada tópico é formado por perguntas norteadoras para o roteiro da observação da instituição.

O tópico I objetiva coletar dados referentes à identificação da Instituição Educacional onde será realizada a pesquisa; O tópico II tem a finalidade de descrever a estrutura física da Instituição, seus ambientes, sua organização e sua funcionalidade, bem como, o contexto sociocultural em que a Comunidade Escolar estar inserida; O tópico III estabelece a análise dos aspectos estruturais com relação ao processo de ensino aprendizagem, adaptações dos alunos, hábitos de higienização e organização, assiduidade e gênero que predomina na sala e por fim o tópico IV que estabelece a observação dos aspectos relacionados à atuação da instituição, quais os Programas e Projetos desenvolvidos, da atuação dos educadores e as interações relacionais dos sujeitos envolvidos.

A seguir descrevem-se as informações referentes ao mapeamento da instituição, o diagnóstico e a proposta de intervenção, o instrumento utilizado para coleta de dados e o planejamento do trabalho desenvolvido na instituição pesquisada.

3.4 MAPEAMENTO DA INSTITUIÇÃO – DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A Instituição pesquisada é uma escola pública municipal que iniciou suas atividades em março de 1977, no governo do Prefeito Damásio Franca. O alvará de funcionamento consta da data de 29 de dezembro de 1978. A Escola tem como Ato de Criação o N°: 2.188 de 16 de outubro do ano de 1991, onde foi criada no Município de João Pessoa as Escolas Municipais de 1º Grau, na administração do Prefeito Carlos Alberto Pinto Manguiera. Este decreto tem sua vigência retroativa, a 28 de novembro do ano de 1988, a mesma tem esse nome em homenagem ao ilustre Professor Doutor João Medeiros que dedicou a maior parte da sua vida à prática de educar e cuidar, sobretudo do desenvolvimento educacional das comunidades as quais ele teve a oportunidade de trabalhar. Esta sob a direção da psicóloga, a Sra. Fátima Aparecida Alves de Sousa Chaves, graduada, em Psicologia e especializada em Psicologia Escolar e dos adjuntos, o Srº. Ricardo Sergio dos Santos, graduado em Educação Física e especializado em Gestão Escolar, e a Sra. Eliete Francisca de Lima, graduada em Pedagogia e especializada em Processos de Aprendizagem.



Figura 2 – E.M.E.I.F Profº. João Medeiros – Fonte: Autor da pesquisa

A Estrutura Funcional da Instituição Educacional compreende os seguintes núcleos de atividades: Serviço Administrativo; Serviço Técnico-Pedagógico; Instituições Auxiliares;

Serviços de Assistência ao Estudante.

A escola conta com: o Conselho Escolar, Fiscal e a Unidade Executora Denominada de Caixa Escolar Integração e Democracia CNPJ: 01.912.986/0001-39, que movimenta toda a parte financeira da escola. Em seu art. 14, II, a Lei de Diretrizes e Bases (2010), enfoca que na gestão democrática do ensino público da educação básica, as normas serão definidas, pautando-se no princípio da participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Oferece a comunidade, três modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos - EJA. Seu funcionamento ocorre no turno diurno pela manhã, no horário de 07:00h às 11:30h; a tarde, de 13:00h às 17:30h e no turno noturno de 18:30h às 22:00h.

Caracteriza-se por ser uma comunidade escolar composta por crianças e adolescentes entre a faixa etária de 04 a 14 anos, jovens e adultos. A escola está envolvida com o processo de aprendizagem das crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos acolhidos, contribuindo para o seu desenvolvimento integral.

A Instituição educacional possui uma boa estrutura física. O ambiente apresenta uma higienização adequada para o acolhimento dos aprendentes. Nas suas rotinas educativas pode contar com diversos materiais tecnológicos e pedagógicos. Todos se encontram em perfeita condição e são utilizados cotidianamente nas atividades. De acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998, p.71):

Os materiais constituem um instrumento importante para o desenvolvimento da tarefa educativa, uma vez que são um meio que auxilia a ação das crianças. Se de um lado, possuem qualidades físicas que permitam a construção de um conhecimento mais direto e baseado na experiência imediata, por outro lado, possuem qualidades outras que serão conhecidas apenas pela intervenção dos adultos ou de parceiros mais experientes. As crianças exploram os objetos, conhecem suas propriedades e funções e, além disso, transformam-nos nas suas brincadeiras, atribuindo-lhes novos significados.

A instituição esta inserida em um contexto de extrema desigualdade sociocultural. Os educandos acolhidos pela escola apresentam aspectos psicossociais bem variados, algumas expressam extrema carência afetiva e outras, agressividade, algumas expressam aversão à violência e outros demonstram fascínio por ela.

O contexto das famílias é bem diferenciado. Existem inúmeros pais que mal conseguem ler e vários que não são alfabetizados.

A comunidade escolar é composta por educadores em sua maioria prestadores de serviço, com nível superior completo. Todos os funcionários apresentam excelente conduta, estão envolvidos e comprometidos com o processo ensino aprendizagem.

A unidade de ensino desenvolve os seguintes Programas: Mais Educação, com as oficinas extracurriculares (letramento, capoeira, canto coral, teatro, percussão e judô); Educação de Jovens e Adultos (EJA), Saúde na Escola, Escola Que Protege e PDDE; e os seguintes Projetos: Educando Sentimentos, Família Colorida, Viajando nas Asas da Leitura, Elos (Prevenção ao Uso de Drogas, Bullying e Trânsito), Ginástica Rítmica, Xadrez, Banda Marcial, Dança, Identidade Ambiental e Ano Cultural.

O Programa Mais Educação desenvolve ações voltadas para a saúde física, mental e emocional dos alunos da escola, em parceria com o Programa Saúde na Escola que juntamente com o PSF da comunidade faz o acompanhamento nutricional e da saúde bucal dos aprendentes, bem como, desenvolve a socialização dos alunos através das oficinas realizadas no contra turno, possibilitando aos aprendentes participarem de atividades extracurriculares.

Através do Programa Escola que Protege a Instituição trabalha habilidades de relacionamentos interpessoais e capacidade de realizar trabalhos em grupos com interação, respeito, senso crítico, autoconfiança e pleno conhecimentos dos direitos, deveres e conservação do patrimônio da Instituição. Proporciona a toda comunidade escolar um trabalho sistematizado de prevenção ao uso de drogas e valorização da vida através da parceria com o Projeto Elos.

A Instituição busca resgatar os valores, o significado de disciplina, inclusão, convivência harmônica respeitando as diferenças, amor próprio e amor ao próximo, através da parceria com o Projeto Bullying. Trabalha a educação ambiental através do projeto Identidade Ambiental. Proporciona a formação de identidade, através do resgate histórico da nossa cultura, do descobrimento dos talentos da nossa terra, da capacidade de interação e protagonismo, através do desenvolvimento do Projeto Ano Cultural. Todos os recursos dos projetos são mantidos pelo Programa Dinheiro Direto na Escola - PDDE do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE.

3.5 DIAGNÓSTICO E PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO.

A instituição disponibilizou para a pesquisa-ação vários recursos pedagógicos, permitindo que as aulas apresentadas pelos professores aos aprendentes fossem na sua grande parte harmônica e favorável, portanto, a instituição ainda encontra-se presa a conteúdos formais das disciplinas, sendo necessária uma intervenção para que sejam construídas atividades em classe que sejam mais prazerosas para os aprendentes. Bassedas e colaboradores (1996, p.29), afirma que: “O professor tem a responsabilidade de estimular o desenvolvimento de todos os seus alunos pela aprendizagem de uma série de diversos conteúdos, valores e hábitos”.

Segundo Carneiro (2012, p.246): “No cumprimento do que estabelece o Art. 9º, inc. IV da LDB, o MEC elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN’s para o Ensino Fundamental, buscando sinalizar referências nacionais comuns ao processo educativo”. Existem os Temas Transversais que podem dinamizar o processo de aprendizagem se forem trabalhados com objetividade no currículo.

Além dos conteúdos formais do ensino é preciso trabalhar de forma integrada os conhecimentos significativos que façam parte do cotidiano do sujeito aprendente.

A participação dos pais ainda é muito restrita, resumindo-se apenas a eventos relacionados a reuniões de pais e datas comemorativas na escola. No Brasil, a própria Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 no seu Art. 1º expressa que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LDB, 2010, p.7)

Os pais precisam efetivamente estar presentes na aprendizagem dos educandos, já que os educadores em sua maioria apontam uma necessidade de percebê-los no auxílio das atividades escolares dos filhos.

3.6 OBSERVAÇÃO EM CAMPO

O trabalho de observação institucional apresentou dados e informações relevantes sobre a observação psicopedagógica realizada no contexto da pesquisa-ação. A observação é a

primeira etapa no processo de intervenção no âmbito institucional, para isso se faz necessário um planejamento e tempo para sua execução.

O estudo observacional pressupõe um sólido planejamento já que, em paralelo ao levantamento de dados, é imperativo garantir a redução das impressões subjetivas, além de se ter clareza sobre o fenômeno que se deseja observar. Exatamente por isso a observação é um método que se aplica a quase todas as pesquisas em educação, mas requer tempo e conhecimento para ser realizada de forma correta. (MALHEIROS, 2011, p.190).

A observação precisa ser realizada de forma sistemática. Moreira e Caleffe (apud MALHEIROS, 2011, p.191):

[...] propõem as seguintes perguntas para nos orientarmos ao realizarmos um estudo observacional:
Quais comportamentos serão observados?
Quem será observado?
Onde serão conduzidas as Observações?
Quantas observações serão feitas?
Quando as observações serão feitas?
Como as observações serão realizadas?

Estas questões buscam nortear as ações do observador para que o trabalho possa ser desenvolvido em duas partes, a primeira descrevendo a realidade tal qual foi observada e a segunda contendo as impressões do observador. Segundo Malheiros (2011, p.193): “A parte descritiva deve se ater a relatar o fenômeno tal qual foi observado. Já a parte reflexiva conta com o suporte do pesquisador, que busca discutir o que foi observado, fazendo analogias, comparações, inferências, entre outros”.

Ao planejamento coube observar, avaliar e propor medidas de intervenção no processo educativo dos sujeitos envolvidos com a pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS MATERIAIS

Os dados coletados foram analisados qualitativamente à luz do referencial teórico selecionado, possibilitando assim atender os objetivos desejados. Malheiros (2011, p. 188) afirma que: “A coleta de dados qualitativos é um processo que exige muito rigor do pesquisador, porque a observação do fenômeno estará certamente impregnada pela história pessoal daquele que observa”. De acordo com o autor a observação realizada em uma pesquisa deve ser feita em duas partes: uma descritiva e uma reflexiva. A parte descritiva da observação busca relatar exatamente o que foi visto, sem considerar as impressões do investigador. Essas impressões comporão a parte reflexiva do processo de observação.

4.6 INTERVENÇÃO

A intervenção psicopedagógica realizada na instituição pesquisada se iniciou a partir das ações estruturadas no período de novembro de 2012 a fevereiro de 2014.

No início da pesquisa se planejou as ações para intervenção psicopedagógica, juntamente com a supervisão escolar, a partir das observações do protocolo de observação.

Segundo Sánchez-cano e Bonals (2011, p. 132):

[...] é preciso planejar convenientemente todos os passos que devem ser realizados para que a coleta da informação não seja um trabalho improvisado. Poderíamos falar, à guisa de exemplo, da descrição de tarefas tais como o estabelecimento de calendários, a formação de observadores, a seleção de informantes, a preparação de protocolos para a coleta de informação e, finalmente, a obtenção de informação a partir das decisões tomadas. É muito útil nessa fase ter tabelas ou diagramas que, de forma esquemática, nos guiem no processo e nos ajudem a fazer o acompanhamento.

Conforme o Quadro 1, a intervenção pretendeu nortear e auxiliar o trabalho pedagógico da escola, auxiliando a equipe docente, a família, os alunos envolvidos no processo de aprendizagem, principalmente a turma do 4º ano da manhã que contribuiu para a realização das ações propostas na intervenção.

ENCONTROS	ATIVIDADES
I	Seminário para apresentação da proposta de intervenção e assessoramento
II	Construção dos Planos (de ação, anual e de aula) e Instrumento Psicossocial
III	Planejamento – Entrega dos Planos e Instrumento Psicossocial
IV	Início do estudo de caso – Sala de aula 4º Ano A Manhã.
V	Avaliação do desempenho dos aprendentes - TDE – Escrita e Matemática
VI	Avaliação de Leitura – TDE (trabalho individual)
VII	Sala - Construção da leitura e escrita a partir de modelos
VIII	Atividade Ludopedagógica com jogos de palavras
IX	Ditado de palavras utilizando o computador como recurso pedagógico
X	Trabalhando o Jogolem – Interação e Construção da leitura e escrita
XI	Construção de atividades pedagógicas para alfabetização
XII	Planejamento Semanal – Oficinas de jogos
XIII	Planejamento Mensal – Oficinas de instrumentos psicopedagógicos
XIV	Reuniões de Pais e Mestres
XV	Informática Educativa – Atividade de leitura com os pais

Quadro 1

Fonte: Autor da pesquisa



Figura 3 – Apresentação da Proposta de Intervenção

Fonte Autor da pesquisa

A primeira atividade desenvolvida foi à apresentação do relatório e a proposta de intervenção através de slides à equipe educacional da escola. Foi explanado o quanto foi importante à contribuição que a realidade institucional trouxe para prática psicopedagógica, principalmente quando a clientela atendida se encontra em um contexto que na maioria das vezes está envolto de desigualdades e violência. Bassedas (apud SANCHEZ-CANO; BONALS, 2011, p. 33) assinala que:

Muitos alunos necessitam que nós, profissionais, colaboremos para responder a suas necessidades: o aluno com algum tipo de deficiência, o imigrante, o que vive uma situação que lhe provoca angústia por problema familiar (maus-tratos, abandono...), o que tem dificuldades para aprender algum conteúdo educativo, o que tem dificuldades para cumprir a normas da instituição escolar... Trata-se de alunos que se encontram numa zona de vulnerabilidade.

Após o seminário iniciamos a construção dos planos junto à supervisão escolar (plano de ação, plano anual, plano de aula) para nortear a ação pedagógica da equipe docente, instrumento para levantamento psicossocial dos aprendentes, bem como, o cronograma dos planejamentos a serem realizados no ano letivo, reuniões mensais com os pais e reuniões semanais e mensais com os professores. Os professores trabalhavam nesse sentido, individualmente, e outros só entregavam seus planos no final do ano letivo dificultando o acompanhamento pedagógico da instituição.



Figura 4 – Quadro de Planejamentos e Reuniões

Fonte: Autor da pesquisa

A organização dos planos² facilitou o acompanhamento da supervisão escolar visando uma prática mediadora e consciente para avaliar a aprendizagem dos sujeitos envolvidos no aprender. Segundo Porto (2011, p.90), “O processo avaliativo mediador na prática de ensino propõe ao educador uma prática consciente e refletida [...]”.



Figura 5 – Entrega dos planos e instrumento psicossocial

Fonte: Autor da pesquisa

Apresentamos no planejamento semanal dos educadores os modelos dos planos e o instrumento para avaliação psicossocial dos aprendentes. Cada professor recebeu uma pasta contendo os materiais construídos. Os modelos servirão para o desenvolvimento das

² Material disponibilizado pela escola.

atividades propostas pelos educadores e o instrumento psicossocial servirá para o mapeamento dos educandos focando os aspectos cognitivos, emocionais, motores e afetivos.

O processo de aprendizagem se não for bem planejado, volta de forma circular para a instituição na indicação de evasão escolar, de repetência, nos distúrbios de aprendizagem, na questão da indisciplina criando uma disfunção na dinâmica escolar, fatores esses, intrínsecos e externos a sua organização.



Figura 6 – Roda de conversa com os alunos do 4º ano A manhã

Fonte: Autor da pesquisa

A partir dos planos construídos iniciamos um contato mais específico com a turma do 4º ano da manhã, focando inserir os aprendentes nas ações propostas e ao mesmo tempo buscando conhecer a forma como o professor avalia e intervêm na aprendizagem do grupo. Desenvolvemos uma atividade de construção textual a partir do texto *Quem Sou Eu*, onde os aprendentes expressaram através da escrita um pouco da sua vida pessoal. Após a construção textual iniciamos um segundo momento onde os alunos compartilharam suas vivências na família e na comunidade através de um diálogo com o educador. Portanto, é preciso conhecer a diversidade existente nas vivências dessas crianças e tê-las como centro do planejamento.

Conforme Arroyo (2011, p.208):

As propostas deverão partir de uma questão primeira: quem são as crianças? Como as vemos? Reconhecê-las sujeitos históricos e de direitos. Logo iniciar levantamento de como vivem na concretude de seus contextos sociais, históricos, familiares, de moradia, de saúde, de alimentação, de cuidados e proteção. Sem conhecer com o maior detalhe quem são as crianças concretas cairemos em planejamentos de propostas abstratas genéricas, desfocadas.

Quando focamos no processo de intervenção o aluno, não podemos esquecer que se trata de um sujeito globalizado, desempenhando diferentes papéis na vida. Não podemos perder de vista a sua história e a sua interação com outros sujeitos e com os outros sistemas por onde interage. Tentamos assim, ampliar o nosso campo de observação, mostrando a partir da atividade uma visão mais ampla da situação ao educador. Quando trabalhamos com um aluno ou grupo de aluno, o que buscamos é identificar as suas necessidades educativas, sociais e familiares.

Em relação às necessidades educativas dos educandos, utilizou-se o teste psicométrico TDE – Teste de Desempenho Escolar, para avaliar e diagnosticar a aprendizagem dos aprendentes na escrita e matemática. Após as explicações iniciais sobre o TDE, aplicou-se o teste em sala, solicitando ao educador que participasse da leitura das palavras, ditando as mesmas para os aprendentes. Com o término do ditado, adequou-se o teste de matemática orientando os aprendentes a responderem apenas as questões que eles soubessem resolver.



Figura 7 – Teste TDE

Fonte: Autor da pesquisa

Através dos protocolos individuais podemos mapear a turma e identificar os tipos de erros que os aprendentes apresentam nos três subtestes. A rigor, Stein (2011, p.3) explica que:

“O TDE pode ser igualmente empregado na avaliação do desempenho de alunos de uma escola, como um grupo. Pela aplicação do teste em indivíduos de uma amostra representativa do grupo que se queira estudar, pode-se dimensionar quais áreas da aprendizagem apresentam eventuais dificuldades pedagógicas e/ou didáticas.

Empregou-se individualmente o teste de leitura do TDE, para avaliar e diagnosticar o desempenho de leitura dos aprendentes.



Figura 8 – Teste de leitura TDE

Fonte: Autor da pesquisa

Concordamos com Sisto e colaboradores (2010) que ao focarmos observar o desempenho individual de cada aluno na sala, devemos analisar sua produção e verificar quais os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem em relação a um conteúdo ou unidade específica ou se estão em déficit em relação aos vários conteúdos.

Após o teste do TDE, analisamos que as respostas não foram significativas, os alunos apresentaram dificuldades na escrita, principalmente por não conhecerem as palavras, já que não fazem parte do seu cotidiano. Nos testes de matemática tiveram um melhor desempenho, já que no seu dia a dia convivem com números por conta da necessidade de comprar algo essencial para sua manutenção, como por exemplo, alimentos, passes escolares, etc.. Da mesma forma se deram bem na leitura, já que os meios de comunicação facilitam uma melhor percepção de entendimento. Por meio das correções feitas, identificamos que os erros na escrita se davam pela mesma razão, as crianças não conheciam e nunca tiveram contato com a construção da escrita de determinadas palavras. Iniciamos a construção da escrita a partir de nomes próprios. Os nomes próprios foram construídos baseados nos nomes dos aprendentes.

Nesta atividade visamos desenvolver o conhecimento da linguagem a partir de modelos conhecidos dos próprios aprendentes, respeitando a construção a partir das palavras que fazem parte do seu contexto familiar. Segundo Teberosky (1948, p. 24) “o ambiente familiar proporciona à criança a escrita de seu nome. Efetivamente, a maioria das crianças, desde cinco ou seis anos, pertencentes a um meio social mais ou menos favorecido, conhecem todas ou algumas das letras do seu nome”. Evidentemente esta atividade evoluirá para construção de outras palavras. Foi orientado ao educador construir modelos a partir de nomes

próprios, listas, poemas, pequenos textos, etc.. Assim sendo, Teberosky (1948, p.28) cita que: “A escrita a partir de modelos situa-se a meio caminho entre as atividades de interpretação e as de produção. O caso da escrita do próprio nome é um bom exemplo para trabalhar com modelo”.

Foi necessário esse método já que os aprendentes apresentam déficits no processo de alfabetização, muitos demonstraram dificuldades para escrever o próprio nome e reconhecer os tipos de letras (maiúscula e minúscula; fôrma e cursiva). Desta forma, partindo-se do princípio de que os aprendentes conhecerão novas maneiras de exercitar seu aprendizado, com o tempo, é necessário construir outras atividades que valorizem a escrita espontânea da criança.



Figura 9 – Construção da Escrita a partir de modelos

Fonte Autor da Pesquisa

Na intervenção com a turma, continuamos realizando a construção da leitura de palavras utilizando jogos de linguagem. O jogo visou estimular os educandos na construção de palavras para compreensão do seu significado e da sua escrita. É possível jogar com as palavras, reconhecendo as letras, construindo sílabas, formando palavras novas, etc.. De forma geral, o jogo de linguagem estabelece a relação entre os sons e os significados. O educador pode desenvolver instruções que de acordo com Teberosky (2009, p.41), “Os métodos de instrução propõem as opções de começar com a palavra ou com frase. Se optamos pela palavra, as indicações metodológicas sugerem palavras curtas, familiares e de sílabas diretas [...]”.



Figura 10 – Jogo de Palavras

Fonte: Autor da pesquisa

Dando continuidade nas atividades para que os alunos desenvolvessem uma melhor construção da escrita e a da leitura com mais autonomia, utilizamos a informática para desenvolver a construção da leitura e escrita a partir de um ditado de palavras, utilizando o computador e o editor de texto Word, mobilizando, com rapidez, o repertório de correspondências grafofônicas já construído. O uso do computador foi um facilitador para atividade, normalmente os aprendentes se motivam e interagem com o educador. Segundo Weiss (1998, p.15), “As crianças da atualidade já nascem mergulhadas nesse mundo tecnológico e seus interesses e padrões de pensamento já fazem parte desse universo”.



Figura 11 – Ditado de palavras utilizando as tecnologias

Fonte: Autor da pesquisa

A partir de então nos preocupamos em criar uma metodologia que estimulasse a interação do educador com os educandos. Utilizamos o JOGOLEM – Jogo de leitura, escrita e matemática, focando a construção de palavras a partir do imaginário das crianças. Este jogo

leva o aprendiz a observar que a palavra é composta de sons equivalente às sílabas e que esses sons podem se repetir em outras palavras contribuindo para que os alunos que estão com atraso na linguagem da leitura e escrita possam desenvolver seus saberes. O JOGOLEM³ foi construído a partir das observações da sala de aula, onde só se apresentava métodos formais e tradicionais para a aprendizagem. Este jogo educativo facilitou de forma prazerosa a construção da leitura e escrita e ao mesmo tempo a interação satisfatória entre ensinante e aprendiz.

Para Coll e colaboradores (1999, p.11):

“[...] os materiais curriculares devem ser diversos e diversificáveis, para que, como peças de uma construção, permitam a cada professor elaborar seu projeto específico de intervenção adaptado às necessidades de sua realidade educacional e à sua personalidade. Quanto mais diversas e mais diversificáveis forem os materiais, mais fácil será a elaboração de propostas singulares”.



Figura 12 – Atividade com o JOGOLEM

Fonte: Autor da pesquisa

Finalizamos a intervenção com a turma, construindo com a supervisão da escola uma apostila de apoio pedagógico para as crianças que se encontram com dificuldade na leitura e na escrita.

A partir das intervenções realizadas com a turma, sentimos a necessidade de implantarmos oficinas ludopedagógicas e psicopedagógicas para trabalharmos os jogos existentes na instituição e instrumentalizarmos os educadores com os recursos, já que muitos necessitavam compreender a utilização dos recursos disponíveis e sentiam a curiosidade de desenvolver nas salas momentos de interação com os educandos focando a construção da

³ Jogo desenvolvido pelo Autor na Disciplina de Jogos e Brincadeiras ministrada pela Prof^a. Márcia Paiva.

leitura e da escrita.



Figura 13 – Apresentação dos jogos

Fonte: Autor da pesquisa

Realizamos no planejamento dos docentes a apresentação de jogos para leitura e escrita. Cada professor vivenciou a oportunidade de conhecer os recursos lúdicos da instituição e tirar suas dúvidas na utilização dos jogos em sala, criar estratégias para solucionar dificuldades de aprendizagem, sejam por motivos intrínsecos ou extrínsecos ao sujeito aprendente. Em razão da utilização do jogo como recurso para a intervenção, Porto (2011, p.81) afirma que:

O jogo é uma atividade criativa e curativa, pois permite à criança (re)viver ativamente as situações dolorosas que viveu passivamente, modificando os enlances dolorosos e ensaiando na brincadeira as suas experiências da realidade (FREUD, vol XX). Constitui-se em uma importante ferramenta terapêutica. Do ponto de vista cognitivo, significa a via de acesso ao saber. No jogo, faz-se próprio o conhecimento que é do outro, construindo o saber.

Utilizando-se os jogos no dia a dia da sala de aula, estimulam-se os aprendentes a serem criativos atuantes e interessados no aprender, além de proporcionar uma maior interação entre os sujeitos envolvidos no processo.

Juntamente com a equipe técnica-pedagógica da escola realizamos no planejamento mensal dos docentes uma oficina apresentando atividades psicopedagógicas que auxiliassem no processo educativo dos aprendentes. Dessa forma:

O professor poderá, igualmente, organizar atividades que ajudem a criança a descobrir as possibilidades que certos materiais possuem; os jogos de grupo para crianças mais velhas, ou os de construção para as mais novas, ensinam a dominá-lo melhor, desenvolvendo outros níveis de competência, além de permitir verificar o interesse da criança” (QUEIROZ, 2006, p.177).



Figura 14 – Oficina Psicopedagógica

Fonte: Autor da pesquisa

Após as oficinas, a partir do cronograma⁴ desenvolvido pela instituição, implantamos a reunião de pais e mestres focando discutir temáticas referentes à vida escolar dos aprendentes. Discutimos eixos temáticos como: higiene pessoal, pontualidade, acompanhamento das atividades escolares e afetividade. O trabalho visou alcançar um estreitamento para convencer os pais a participarem efetivamente na aprendizagem dos filhos. De acordo com Bassedas e colaboradores (2011, p.28): “A ação educativa da escola não pode ser desvinculada das funções educativas dos pais dos alunos, e, conseqüentemente, o professor também deve manter contato com eles”.



Figura 15 – Reuniões de Pais e Mestres

Fonte: Autor da pesquisa

Visando a colaboração dos pais no acompanhamento das atividades escolares dos

⁴ O cronograma é planejado a cada início do ano letivo com a equipe técnica-pedagógica.

filhos iniciamos atividades no laboratório de informática focando a importância da leitura de livros infantis. Os pais realizaram a leitura do livro digitalizado “O menino que aprendeu a vê” de Ruth Rocha. Foi discutida com os pais a importância da estimulação da leitura a partir de figuras, imagens, letras, palavras e frases simples.



Figura 16 – Leitura de livro digitalizado – O menino que aprendeu a ver

Fonte: Autor da pesquisa

4.7 AVALIAÇÃO

Conforme o diagnóstico e a proposta de intervenção, desenvolvemos a partir do seminário ações educativas dando continuidade ao **Projeto Educando Sentimentos**⁵, que desde março de 2011 vem norteando as ações construídas no Projeto Político Pedagógico – P.P.P, trabalhando o respeito à diversidade e a integração família – escola e comunidade.

O projeto político-pedagógico é construído na força expansiva da diversidade cultural dos membros da comunidade escolar juntamente com suas visões de mundo, raças, etnias, histórias de vida e, também, da necessidade de construção da identidade da escola, que será refletida no projeto. (MEDEL, 2008, p.4).

⁵ Projeto desenvolvido pelo Autor, diretora e supervisora da escola .



Figura 17 – Educando Sentimentos

Fonte: Autor da pesquisa

O Projeto Político Pedagógico representa de forma sistematizada, a identidade da escola. Segundo Medel (2008, p.46): “O PPP deve ocorrer por meio de ações planejadas e sistemáticas para que práticas fragmentadas e improvisadas sejam evitadas. Daí a concepção do PPP como o elemento que será responsável pela sistematização do trabalho que a escola desenvolve”. Tendo como objetivo maior formar cidadãos críticos, criativos e transformadores da realidade através da implementação de políticas específicas que potencializem o desenvolvimento social, em parceria com entidades e órgãos públicos.

A escola a partir das aplicações teóricas da teoria sistêmica pôde conduzir seu trabalho integrando todos os seus projetos focando o educando nas suas construções diárias de conhecimento alinhando-se à resolução das aulas, flexibilizando o currículo e desenvolvendo ações que contribuíssem na problemática da participação dos pais no acompanhamento da vida escolar dos filhos.

Os trabalhos com a família através das reuniões de pais e mestres contribuíram para nosso entendimento prático, no sentido de ouvir, de entender o contexto familiar, onde à criança se encontra inserida, sem perder o foco no acompanhamento da aprendizagem. As reuniões junto com os pais e professores nos favorecem como psicopedagogos, ajustando as possibilidades para o melhor aproveitamento escolar do aluno, bem como, motivando os pais a incentivarem seus filhos a participarem de outras atividades presentes na comunidade.

A partir das reuniões realizadas construímos o segundo momento do Educando Sentimentos. No ano letivo de 2012, a instituição iniciou a segunda etapa desse Projeto, na versão Família Colorida. O título “Família Colorida” é uma homenagem à miscigenação da família brasileira, a diversidade religiosa, afetiva e a inclusão no seu amplo contexto. Com as

ações do Educando Sentimentos/Família Colorida a escola conseguiu intensificar a integração e interação entre os contextos escolar e familiar, através de atividades sistematizadas para o acolhimento e a inclusão da família no cotidiano escolar, na busca de benefícios no processo psicossocial dos educandos. A instituição se esforça para facilitar a relação com o outro. A família nesse processo é convidada a participar das atividades desenvolvidas no ambiente escolar, como reuniões, confraternizações, datas comemorativas e reuniões de pais e mestres. Observou-se que para cada culminância dos projetos existe a participação dos pais da comunidade integrando educandos e educadores com suas famílias. As reuniões são periódicas e ocorrem sempre quando há necessidade para discutir assuntos de interesse tanto da família, como da escola.

Com o desenvolvimento do projeto Educando Sentimentos construímos uma filosofia da Pedagogia da afetividade implantando um trabalho pedagógico onde pais, educadores e técnicos sejam parceiros na construção da ação pedagógica da escola. A pedagogia da Afetividade traz para fora as potencialidades do ser aprendente e possibilita a construção de valores que ajudam significativamente no processo de ensino aprendizagem que na Instituição observada, era prejudicada devido ao mau comportamento dos alunos. Segundo Sampaio (2007, p.46), “Os problemas humanos não se resolvem no campo da racionalidade, mais no nível afetivo”. Com a Pedagogia da afetividade a Instituição desenvolve um trabalho onde as pessoas são valorizadas e compreendidas.

Para isso, faz-se imprescindível a participação de toda a comunidade escolar (gestores, orientadores, professores, pais, alunos, funcionários e membros da comunidade local) na discussão do trabalho pedagógico, em uma perspectiva mais ampla, respeitando a diversidade cultural. (MEDEL, 2008, p.3)

A aprendizagem foi significativa, conhecemos melhor a dinâmica escolar, principalmente os aspectos metodológicos aplicados no processo de ensino, e o quanto é importante o planejamento para que cada sujeito envolvido no processo de intervenção possa contribuir na execução das ações desenvolvidas. O trabalho em grupo é pré-requisito básico para que o assessoramento a escola dê certo.

A partir dos modelos dos planos construídos se conheceu melhor os instrumentos técnicos que são utilizados no planejamento de aulas pelos pedagogos. Anteriormente, tinha-se apenas uma pequena noção dos planos desenvolvidos, mas a partir da construção dos planos na própria escola com a supervisora, foi possível conhecer melhor quais os eixos temáticos trabalhados em cada disciplina, como se avalia o aprendente durante todo o ano.

A participação nos planejamentos dos professores com oficinas de instrumentos psicopedagógicos, como os jogos educativos na prevenção das dificuldades de aprendizagem, contribuiu no sentido de evitarmos em nossa prática a preocupação excessiva com o treino de habilidades, com a memorização, com a repetição e a imitação, prática essa, muito presente no ensino tradicional através do currículo. Para avançar é preciso romper com essa visão fragmentada, disciplinar e ontológica, e valorizar a interdisciplinaridade que favorece aos aprendentes se interessarem pelo aprendizado.

As ações desenvolvidas com os aprendentes desconstruíram a visão de que muitos alunos não aprendem por que não se interessam e não se motivam. Todas as atividades realizadas na sala de aula e em outros ambientes, como no laboratório de informática, demonstraram uma participação da maioria dos aprendentes onde percebemos o quanto os recursos adotados são importantes, sendo necessário o planejamento prévio, considerando principalmente as habilidades já existentes nos aprendentes.

A partir das intervenções com os técnicos-pedagógicos, educadores e com os alunos do 4º ano da manhã desenvolvemos em 2012 e 2013 o Projeto Viajando nas Asas da Leitura objetivando trabalharmos a construção da leitura e da escrita. O Projeto Viajando nas Asas da Leitura é uma proposta que visa despertar nos educandos as potencialidades da língua oral e escrita, levando-os a ultrapassar limites contextuais e culturais, valores, novas descobertas e novas concepções de mundo.

A perspectiva sistêmica permitiu a compreensão dos saberes e das práticas pedagógicas, de um olhar mais profundo sobre a realidade da organização, para que pudessemos intervir colocando o diálogo como primeiro passo para a mudança. A partir das ações norteadas pelo projeto político pedagógico foi possível desenvolver um trabalho que respeitasse as limitações impostas pelo meio e concretizando um planejamento sistematizado.

A escola normalmente oferece resistência a mudanças, mantendo tanto quanto possível, os seus padrões, sua homeostasia. Na escola se faz presente uma cadeia de feedbacks sejam positivos ou negativos objetivando manter seu equilíbrio, principalmente quando suas regras são quebradas pelos sujeitos envolvidos no processo de avaliação. Para que ocorram mudanças na escola, é preciso um distanciamento do equilíbrio, ou seja, um afastamento das normas determinadas na instituição, permitindo dessa forma que um fluxo de energia e informações contribua para a autonomia dos sujeitos envolvidos no processo de intervenção. Para desenvolvermos autonomia na escola é necessária a construção de feedbacks positivos,

no sentido de ampliarmos desvios nos padrões rígidos e imutáveis de interação que a instituição quer manter.

A partir de uma perspectiva sistêmica adotada na intervenção, foi possível o surgimento de contribuições para que a instituição correspondesse às demandas exigidas pela Secretaria de Educação do município de João Pessoa a partir de um trabalho interdisciplinar. Como resultado dessa intervenção a escola avançou além das expectativas previstas, chegando ao mérito de ser referência e tricampeã no Projeto Escola Nota 10, como podemos atestar através dos anexos (*Anexos A2*).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, com esse trabalho, que o leitor tenha conseguido captar com clareza o tema abordado que teve como objetivo geral, descrever a contribuição da intervenção psicopedagógica numa perspectiva sistêmica, aprofundando-se no tema da abordagem, observando a instituição escolar pesquisada como um sistema em constante renovação, interação, com o olhar voltado para os vários níveis que tornam essa organização um todo, um espaço vivo, complexo. A intervenção na instituição é um processo que através do seu planejamento e de suas atividades possibilita uma aprendizagem lúdica, dinâmica e mediadora focando as interações e interrelações dos sujeitos envolvidos.

Quanto aos resultados atingidos nas inter-relações com a família e com os aprendentes, a intervenção confirmou a existência de ações positivas na escola, por meio de projetos implantados no decorrer do período proposto, comprometidos com a aprendizagem e persistindo ativamente na participação dos pais na vida escolar dos filhos. No entanto, nesse contexto, percebemos a existência de fatores cruciais que limitam e dificultam o trabalho da instituição como, por exemplo: contexto familiar diferenciado, aspectos psicossociais variados, carência afetiva e violência doméstica que foge as ações da escola, se fazendo necessário o encaminhamento a outros profissionais e a rede de apoio, que nem sempre disponibilizam o retorno justo para que junto à escola possam interferir diretamente. Dessa forma desenvolveu-se uma relação equilibrada de colaboração, interação e confiança mútua entre discentes, docentes, pais e mediadores técnico-pedagógicos.

A partir das dificuldades encontradas, sendo o psicopedagogo um profissional habilidoso e reflexivo que analisa, avalia e interpreta os fenômenos que precisam ser enfrentados para que se obtenham resultados significativos que contribuam a partir de uma visão compartilhada para que outros tomem decisões que permitam aperfeiçoar, colaborar, discutir e chegar a acordos, é importante a aquisição do mesmo que poderá auxiliar a escola nos atendimentos, resgatando ao ser humano a sua integridade como sujeito que interage nos diversos sistemas envolvidos com a aprendizagem e unindo esforços para estudar o fenômeno da aprendizagem, considerando os múltiplos fatores de natureza biológica, psicológica, social e cultural.

Desta forma, o valor da psicopedagogia preventiva, já se encontra comprovada, em uma dimensão institucional ao ser aceita e considerada como um diferencial para a aquisição

de melhorias educacionais por meio do assessoramento psicopedagógico. Vale ressaltar que a ação psicopedagógica estabelece transformações podendo se tornar uma ferramenta no auxílio de aprendizagem. Isso significa que conhecer o que o aprendente constrói, compreende as dimensões das relações com a escola, com os professores, com o conteúdo, e relacioná-los aos aspectos afetivos e cognitivos construídos principalmente no sistema familiar oportunizará uma atuação mais concreta, firme e efetiva por parte de todos que são responsáveis diretamente pela aprendizagem dos sujeitos.

De acordo com a perspectiva sistêmica o sujeito cognoscente não deve ser analisado a partir de uma teoria parcial. O aprendente é uma entidade global e complexa que age em sistemas igualmente complexos e a relevância dessa visão para o atendimento psicopedagógico e de outros profissionais que trabalham em rede é importante, contribuindo para que em nossa sociedade cada vez mais tenham profissionais capacitados para lidarem com essa complexidade ao avaliar as habilidades e inabilidades do sujeito, aprendendo também com as carências dos aprendentes para que se construa uma práxis que visualize uma intervenção psicopedagógica mais integral, rica e multidisciplinar.

Consideramos que a atuação do Psicopedagogo na instituição visa fortalecer a identidade dos assistidos, buscando o resgate das raízes da instituição, procurando sintonizar a realidade que está sendo vivenciada no momento atual, buscando adequar essa organização as reais demandas da sociedade, buscando uma compreensão do sujeito no contexto familiar, conseguindo dessa forma chegar mais próximo da função denunciadora do sintoma que se revela como: não querer, não conseguir, não poder aprender. Ao olhar o sujeito nos diversos subsistemas por onde interage de forma circular estaremos responsabilizando a todos os envolvidos, no processo de aprendizagem e identificando as rupturas que possam aí surgir, tirando o foco do aprendiz e redistribuindo a dificuldade de aprendizagem a todos os envolvidos no processo de intervenção.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. **Currículo, Território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BASSEDAS, E. et al. **Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico**. 3. ed. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- BEUCLAIR, J. **Para entender psicopedagogia: perspectivas atuais, desafios futuros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2009.
- BERTALANFFY, L. V. **Teoria Geral dos Sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações**. trad.: Francisco M. Guimarães. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BRASIL (MEC). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394/96, Brasília, 2010.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Aprendizagem**. 37. ed. Petrópolis, Vozes, 2008.
- CARNEIRO, M. A. **LDB fácil: leitura crítico, compreensiva artigo a artigo**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- COLL, C. et al. **O construtivismo na sala de aula**. Da edição espanhola: Editorial Graó, de Serveis Pedagògics. Título original: El Construtivismo em el aula. 6. ed. edit. ática, 1999.
- FERNÁNDEZ, A. **Os idiomas do aprendente: análises das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação**. trad. Neusa K. H.; Regina O. S. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FONSECA, V. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2. ed. rev. aum. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- FROMBERG, D. **Pronin-play in the early childhood curriculum**. A review of current research. Seefeldt, cord (ed), USA, Teachrs College Press, 1987.
- KISHIMOTO, T. O. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. (org) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: LCT, 2011.
- MATURANA, H.R.; VARELA, F.J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MEDEL, C. R. M. A. **Projeto Político Pedagógico: construção e implementação na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção educação contemporânea).
- MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- OLIVEIRA, V. B. **Informática em psicopedagogia**. 2. ed. São Paulo. Editora SENAC, 1996.
- PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally W.; FELDMAN, Ruth D.; Tradução José Carlos Barbosa; Carla Versace; Mauro Silva. **Desenvolvimento Humano**. São Paulo: MoGraw-Hill, 2009.

- POLITY, E. et al. **Psicopedagogia**: um enfoque sistêmico: terapia familiar nas dificuldades de aprendizagem. São Paulo: Vetor, 2004.
- PORTO, O. **Psicopedagogia institucional**: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- _____, **Bases da psicopedagogia**: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- SAMPAIO, D. M. **A Pedagogia do Ser**: Educação dos sentimentos e dos valores humanos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SANTOS, M. P. **Dificuldades de aprendizagem na escola**: um tratamento psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- SÁNCHEZ, J.G. **Dificuldades de aprendizagem e intervenção psicopedagógica**. trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SÁNCHEZ-CANO, M.; BONALS, J. et al. **Avaliação psicopedagógica**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed., 2008.
- _____, **Manual de assessoramento psicopedagógico**. trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- QUEIROZ, N. L. N. et al. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia**. 16(34), p.169-179, 20 out. 2006.
- SISTO, F.F. et al. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- STEIN, L. M. **TDE**: teste de desempenho escolar: manual para aplicação e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da Linguagem escrita**. Trad. Beatriz Cardoso. 14 ed. Vozes, 2009.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).
- WEISS, A. M. L; CRUZ, M. L. R. M. **A informática e os problemas escolares de aprendizagem**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ANEXO

ANEXO A1



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA



PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Estagiário: _____

Período: _____

I - IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO/ CAMPO DE ESTÁGIO

1.1. Nome da Instituição / Endereço / Telefone/ E-mail/ Órgão Regulador/ Horários de Funcionamento/ Modalidade de Ensino:

1.2. Pessoa da instituição/campo de estágio responsável pela supervisão do estagiário:

1.3. Formação profissional do supervisor/ Função na escola/ Há quanto tempo trabalha na instituição?

1.4. Período de vivência do estágio na instituição:

II - A ESCOLA

2.1. Estrutura Física

Número de salas de aula e condições gerais - Ex: ventilação, iluminação, carteiras:

Secretaria/Direção:

É informatizada? _____

Quantidade pessoal é suficiente? _____

Formação acadêmica das pessoas que trabalham no setor:

Sala dos professores (Observar condições gerais):

Cantina/Refeitório (Se houver registrar):

Estrutura e organização

Despensa

Higienização

Qualidade do alimento oferecido

Qualidade de funcionamento no processo de preparação e distribuição da merenda.

Banheiros:

Quantidade: _____

Higiene: _____

Acessibilidade:

Banheiros: _____

Salas de aula: _____

Existem rampas? _____

Comentários (Acessibilidade):

Biblioteca (Se houver registrar):

O acervo é atualizado? _____

Há empréstimo para os alunos? _____

O espaço físico é adequado para a quantidade de alunos? _____

A iluminação e ventilação são adequadas? _____

Tem alguém especializado para orientar? _____

Número aproximado de alunos que utilizam a biblioteca _____

-Laboratório(s) de pesquisa(s) para aula(s) práticas (Se houver registrar):

Os instrumentos são adequados? _____

A iluminação e ventilação são adequadas? _____

O espaço físico é adequado para a quantidade de alunos? _____

Laboratório de informática (Se houver registrar): _____

Número de computadores? _____

Os equipamentos estão em condições de uso? _____

O espaço físico é adequado para a quantidade de alunos? _____

A iluminação e ventilação são adequadas? _____

Os alunos tem aulas periódicas de informática? _____

As aulas são realizadas de acordo com o conteúdo curricular? _____

Áreas de esportes: _____

Quadras, campos de futebol, piscinas – Observar condições!

Pátio(s): O espaço físico e condições estão adequados?

Parquinho ou área de laser/ espaço para recreação (Se houver registrar):

Condições de conservação e uso dos brinquedos

Há caixa de areia?

As áreas de lazer são cobertas?

Comentários adicionais (Estrutura física):

2.2. Comunidade Escolar

Contexto sócio cultural da comunidade onde a escola se insere:

-Quantidade de funcionários na escola: porteiros(as), auxiliar de serviço, merendeiras, secretaria, direção da escola, professores, psicólogos e/ou psicopedagogos, assistente social, monitores de informática, cuidadores:

Número de alunos (por turno e total)? Todas as vagas foram preenchidas?

Quantidade de alunos nas salas de aula (Média aproximada):

Há na escola alunos com necessidades especiais? Quais?

Índice aproximado de repetência e evasão escolar. Quais os motivos principais? Que atitudes foram/são tomadas diante da situação?

Quantas turmas em média cada professor assume?

Há participação dos pais ou responsáveis na escola?

Qual a filosofia da escola quanto ao planejamento e capacitação de pessoal, por exemplo:

Quem realiza?

Quantas vezes ao ano? _____

Principais queixas da escola quanto à aprendizagem dos alunos?

Em qual turma se verificam mais situações de dificuldades/problemas de aprendizagem? Cite algumas.

Há utilização do espaço da escola, nos finais de semana, pela comunidade escolar e circunvizinha?

Comentários adicionais:

2.3 Recursos Tecnológicos/Pedagógicos

Sala de vídeo ou de Projeção com *Data show*: Iluminação, ventilação, número de lugares, qualidade dos assentos/ com que frequência é utilizada?

Se não houver uma sala específica de vídeo ou de Projeção com *Data show* registrar se a escola dispõe de *Data show*, vídeo e TV e registrar a quantidade.

Brinquedoteca (Se houver registrar):

Estrutura (espaço físico, cadeiras, mesas, ventilação, iluminação);

Jogos/brinquedos educativos;

Existem profissionais qualificados (psicopedagogos, psicólogos ou pedagogos) para atender os alunos especiais?

Se não houver brinquedoteca registrar:

Há jogos educativos na escola? _____

Se houver, registrar qual a frequência de utilização desses jogos pelos alunos e professores?

Há material dourado, mapas, ábaco? _____

Comentários adicionais:

III - A SALA DE AULA

3.1. Estrutura da sala

-Ventilação: _____

-Iluminação: _____

-Carteiras: _____

-Quadro (se é de giz, lápis, se o tamanho é adequado, etc.): _____

-Data Show: _____

Acústica da sala: _____

Disposição das carteiras e o quadro do professor: _____

3.2. Quanto aos alunos

Há participação dos alunos na sala? _____

Quantos alunos há na turma? _____

Como é a assiduidade? _____

Qual o gênero que predomina na turma? _____

A distribuição dos alunos é adequada ao espaço físico? _____

Higiene pessoal dos alunos: _____

Nível sócio econômico: _____

Há algum tipo de classificação para a formação das salas? _____

Comentários adicionais:

IV - OBSERVAÇÃO DOS ASPECTOS PEDAGÓGICOS E RELACIONAIS

4.1 Observação - Atuação da instituição:

Há projetos pedagógicos inseridos dentro da escola? Quais?

Como a escola concebe/realiza o processo de inclusão de alunos especiais?

A escola realiza estratégias para que ocorra a interação entre pais, alunos e escola? Quais? (Ex: reuniões, confraternizações, dia solidário, gincanas...)

Oferece atividades no contra-turno (horário oposto ao das aulas)? Quais?

A escola presta serviços à comunidade escolar como: atendimento médico, dentário, assistência social, orientação educacional, atendimento psicológico e psicopedagógico, dentre outros? Com que frequência?

Comentários adicionais:

4.1 Observação - Atuação docente:

As aulas são dinâmicas? _____

O professor demonstra dominar o conteúdo trabalhado? _____

Tem “domínio da sala”? _____

O professor é assíduo? _____

Que recursos metodológicos são utilizados nas aulas? _____

O professor demonstra ser organizado? _____

Há uma conexão entre aprendizagens e atividades anteriores com as desenvolvidas no momento da aula observada? _____

Oferece auxílio individual? _____

Como é a atuação com os alunos especiais? Parece preparado?

Qual a percepção da relação que o professor estabelece com sua profissão? Parece gostar do que faz?

Como reage frente às dificuldades dos alunos?

Quais estratégias utiliza a fim de adequar o currículo à realidade em sala?

Consegue trabalhar de forma interdisciplinar? _____

Que estratégias utiliza a fim de promover a diminuição da evasão dos alunos da sala de aula?

Comentários adicionais:

4.1 Observação – Interação professor/aluno:

O professor leva em conta a individualidade de seus alunos? _____

Demonstra indícios de permissividade? Quais? _____

O professor é aberto ao diálogo? _____

Os alunos conseguem acompanhar o ritmo do trabalho do professor? _____

Como percebeu o vínculo afetivo entre eles? _____

Usa sua autoridade nos momentos necessários? _____

Percebeu alguma prática de Bullying? Qual (is)? _____

Como são resolvidos os conflitos em sala?

Demonstram respeito um pelo outro? _____

Nível de participação dos alunos _____

Há construção de conhecimento? _____

Comentários adicionais:

4.1 Observação – Interação aluno/aluno:

Os alunos realizam atividades em grupo? Como você as caracterizaria? (Ex: Colaborativo, participativo...)

Procuram auxiliar colegas que expressem mais dificuldades? De que forma?

Como percebeu a interação entre os alunos com necessidades especiais e os de desenvolvimento típico?

Como se dá a vinculação afetiva? Há “grupinhos”? _____

Percebeu alguma prática de Bullying? Qual (is)?

Como se dá a interação entre gêneros?

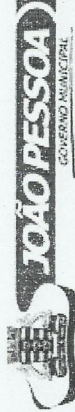
Há cooperação entre os alunos a fim de proporcionar um bom andamento das aulas?

Comentários adicionais:

Comentários adicionais 1 – Realizar uma síntese contendo principalmente: A percepção que tiveram da escola; O que consideraram como pontos positivos e negativos na escola e na atuação profissional da/o professora(or):

Comentários adicionais 2 – Indicação de possível temática de intervenção (Breve justificativa):

ANEXO A2



PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DE GESTÃO CURRICULAR
COORDENAÇÃO ESCOLA NOTA 10



PRÊMIO ESCOLA NOTA 10

“O professor só ensina verdadeiramente, na medida em que conhece o conteúdo do que ensina, quer dizer na medida em que se aproxima dele, em que o aprendeu”.

Paulo Freire

PLANILHA GERAL DE PONTUAÇÃO DO PRÊMIO ESCOLA NOTA 10

Polo – 03

ESCOLA	2009	2010	2011	ANO 2012							TOTAL NOTA 10
	TOTAL NOTA 10	TOTAL NOTA 10	TOTAL NOTA 10	AVALIÇÃO DA GESTÃO	PATRIMÔNIO, DESPESAS E CUSTEIO	AVALIÇÃO PPP	INFORMÁTICA EDUCACIONAL	AVALIÇÃO ALIMENTAÇÃO	FORMAÇÃO CONTINUADA	AVALIÇÃO DA APRENDIZAGEM	TOTAL NOTA 10
JOÃO MEDEIROS	80%	90%	100%	6,00%	2,00%	10,00%	3,00%	9,00%	20,00%	50,00%	100,00%

ESSA CONQUISTA É NOSSA!

ASAS DA LEITURA Projeto executado em escola colabora para resultados expressivos no Ideb

Por - Rafaelly Leite - Jornalista



A leitura é um hábito constante e divertido entre o alunado da escola municipal João Medeiros, no bairro dos Novais. A empolgação entre os estudantes pode ser vista quando o professor anuncia que é hora do "Viajando nas Asas da Leitura", projeto que envolve toda comunidade escolar e tem como proposta despertar nos educandos as potencialidades da língua oral e escrita, levando-os a ultrapassar limites contextuais e culturais, valores, novas descobertas e novas concepções de mundo.

Kauã Henrique Cardoso Santos, de 9 anos, afirma que se sente agradecido e honrado pela oportunidade de poder ler todos os dias, no ambiente escolar. "Os livros nos fazem viajar e conhecer muitas coisas diferentes. Eles realizam nossos sonhos. Muito importante para a nossa vida", relata o estudante do 4º Ano.

O projeto executado diariamente há três anos na escola abrange mais de 450 estudantes da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além da participação de pais, responsáveis e comunidade. Os resultados já são refletidos de forma positiva.

A instituição avançou em relação aos números do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), que passou de 4,2 para 5,1 e ainda ganhou o selo por dois anos seguidos de escola 'Nota 10'.

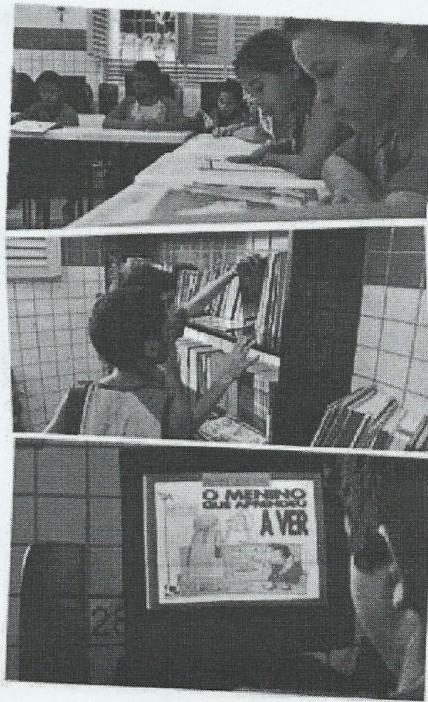
Para a diretora Fátima Alves as conquistas servem de estímulo para continuar trabalhando ainda mais, pensando sempre no desenvolvimento intelectual dos alunos. "Podemos acompanhar em nosso cotidiano, mudanças de hábitos e atitudes nos educandos, professores, funcionários e pais, que como adultos compreendem o significado da leitura para a vida e como crianças viajam realizando a magia dos seus sonhos", declarou a gestora.

A mãe do aluno Ícaro Nascimento do 3º Ano sente orgulho de ver que a escola pública que o filho estuda proporciona educação de qualidade.

"Aqui a família é valorizada e esse projeto de leitura vem ajudando muito os nossos filhos, mostrando na prática como o hábito de ler é fundamental para nossa vida. Temos a oportunidade de destratar do espaço escolar para ler, levar livros para casa, ver filmes, ouvir nossos filhos falando de escritores e de livros e contando histórias para ensinar a nós pais", falou a dona de casa, Kétura do Nascimento.

Viajando nas Asas da Leitura - O projeto desperta na criança o hábito da leitura e dando novas possibilidades inserindo-a no mundo do conhecimento científico, pois a linguagem oral e escrita é um instrumento que possibilita o homem a construir e reconstruir a história.

Dessa forma, a estratégia é utilizada para melhorar o desenvolvimento dos estudantes, nos diversos aspectos, por meio da interdisciplinaridade, utilizando a literatura nas



várias modalidades textuais, como instrumento de compreensão de mundo, formação de cidadania e respeito mútuo, através do processo de ouvir, falar, ler e escrever.

"É a concretização de um sonho que se realiza a cada dia, pois ver o envolvimento de uma comunidade em torno de um trabalho cujo principal objetivo é despertar o hábito de ler, nos dá a motivação e a confiança necessária para continuar acreditando e realizando sonhos através da educação", explicou a supervisora escolar, Maria do Carmo Torres.

Ações - Ao longo do ano são realizadas várias atividades. Dentre elas: Recital poético; Contação de histórias; Concursos de produções textuais; Dias temáticos com escritores da literatura infantil; Dramatização de livros e histórias infantis; Chá literário (recepcionando as famílias na escola) e Café com Poesia (recital para os pais).

Escola Nota 10 - A premiação é resultado de um decreto de lei municipal, no qual foi instituído e normatizado o Índice de Excelência em Educação, formado a partir dos indicadores de avaliação da aprendizagem e da gestão escolar nas escolas municipais de ensino fundamental. A partir dos resultados alcançados no final de cada ano letivo e, de acordo com a porcentagem alcançada no índice, os trabalhadores das unidades escolares podem receber como premiação o correspondente a um 14º salário, caso a escola atinja 100% de êxito. Quem alcançar menor percentual recebe proporcionalmente ao índice atingido. A unidade de ensino será entregue o selo de Escola Nota 10.

Fonte: www.joaopessoa.pb.gov.br